



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Tecnologia e Ciências  
Escola Superior de Desenho Industrial

Daniele Dickow Ellwanger

**O Design na Produção Moveleira da  
Serra Gaúcha**

Rio de Janeiro  
2008

Daniele Dickow Ellwanger

**O Design na Produção Moveleira da  
Serra Gaúcha**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucy Niemeyer

Rio de Janeiro  
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / CTC/G

E47 Ellwanger, Daniele Dickow.  
O Design na produção moveleira da serra gaúcha / Daniele  
Dickow Ellwanger. – Rio de Janeiro, 2008.  
295 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucy Niemeyer.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial.  
Bibliografia.

1. Indústria moveleira – Brasil – Teses. 2. Mobiliário – Brasil –  
Teses. I. Niemeyer, Lucy. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.

CDU 749.1(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial  
desta tese / dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Daniele Dickow Ellwanger

**O Design na Produção Moveleira da  
Serra Gaúcha**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Aprovada em 30 de outubro de 2008

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucy Niemeyer (Orientadora)  
ESDI – UERJ

---

Prof. Dr. Valdir Ferreira Soares  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Sydney Fernandes de Freitas  
ESDI – UERJ

Rio de Janeiro  
2008

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Diogo e Vera, por sempre me incentivarem a continuar estudando.

A minha orientadora, Lucy Niemeyer, pela receptividade calorosa e pela orientação incondicional.

Ao meu namorado, Lucas, pelo apoio e por ter superado a distância que havia entre nós.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por proporcionar incentivo à pesquisa, disponibilizando-me uma bolsa de estudos.

Às indústrias Única, Todeschini, Carraro, SCA, Bentec, Cinex, Difratelli, Resevila e Romanzza, por terem aceitado participar da minha pesquisa.

A minha tia-avó, Sibila, por abrir as portas de sua casa e passar a dividir o seu espaço comigo.

Aos meus colegas de mestrado, verdadeiros amigos, por me ouvirem, nos momentos difíceis, e também por me divertirem no período de minha estada no Rio de Janeiro.

## RESUMO

ELLWANGER, Daniele Dickow. *O design na produção moveleira da Serra Gaúcha*. 2008. 295 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O presente trabalho visou levantar e analisar dados sobre o desenvolvimento de design na produção contemporânea das indústrias moveleiras dos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Para tanto, foram abordadas questões referentes ao desenvolvimento brasileiro, de acordo com os aspectos social, cultural e industrial; à indústria moveleira, em relação aos panoramas internacional, nacional e sul-rio-grandense; aos processos de imigração, em especial a italiana, que se instalou na Serra Gaúcha; ao desenvolvimento industrial, principalmente moveleiro, no Rio Grande do Sul; à institucionalização do design neste Estado; aos designers gaúchos e seus escritórios; e aos pólos moveleiros da Serra Gaúcha, representados pelas cidades de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. A partir dessa fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa de campo que abrangeu nove empresas moveleiras dos pólos citados. Dessa forma, chegou-se a resultados apresentados pelo panorama pesquisado que propiciaram a discussão sobre a produção moveleira dessa região.

Palavras-chave: Design de produto. Produção moveleira contemporânea. Pólos moveleiros sul-rio-grandenses.

## **ABSTRACT**

The following paper aimed at researching and analyzing the data about the design development in the contemporary production of furniture industries in Bento Gonçalves and Flores da Cunha towns, in Rio Grande do Sul state. For doing so, some questions about the following topics were considered: the Brazilian development, according to social, cultural and industrial aspects; the furniture industry, in relation to the international, national and sul-rio-grandense views; the processes of immigration, especially the Italian one, installed in the Serra Gaúcha; the industrial development, mainly the furniture one, in Rio Grande do Sul state; the institutionalization of design in this state; the gauchos designers and their offices; and the furniture poles of the Serra Gaúcha, represented by Bento Gonçalves e Flores da Cunha towns. From this theoretical base, a field research, which involved nine furniture companies placed the cities previously quoted, was done. Then, the results achieved presented the researched view and enabled some discussion about the furniture production in such region.

**Keywords:** Product design. Contemporary furniture production. Furniture poles in Rio Grande do Sul state.

## Lista de Ilustrações

Figuras 1, 2 e 3: gaúcho, vaqueiro do nordeste e baiana, respectivamente. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 60-61)..	43
Figura 4: Ruínas de São Miguel Arcanjo. (CAMPOS, 2007)....	47
Figura 5: <i>Piano americano</i> ; século XIX. (BORGES, 2007, p. 71).....	49
Figuras 6 e 7: Manuel de Araújo Porto Alegre (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 712-713) e Rivadávia Correia (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 612-613), respectivamente.....	51
Figuras 8 e 9: traços da colonização germânica no sul do Brasil. (AZEVEDO, 1996, encartes entre p. 60-61 e entre p. 128-129, respectivamente).....	54
Figura 10: <i>Escabelo</i> , século XVII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 26).....	58
Figuras 11 e 12: <i>Arca policromada</i> (BORGES, 2007, p. 36) e <i>Armário</i> (BORGES, 2007, p. 40), respectivamente; século XVIII, Minas Gerais.....	59
Figura 13: <i>Poltrona de couro com pregaria</i> , século XVIII. (BORGES, 2007, p. 33).....	60
Figuras 14 e 15: <i>Poltrona D. João V</i> (BORGES, 2007, p. 34) e <i>Cama com cartela</i> (BORGES, 2007, p. 43), respectivamente; século XVIII, Brasil.....	60
Figura 16: <i>Cadeira de campanha</i> , século XVIII, Atibaia, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 32).....	61
Figura 17: <i>Arco-banco</i> , século XVIII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 35).....	61



Figuras 18 e 19: <i>Banco</i> (BORGES, 2007, p. 52) e <i>Banco Bandeirante</i> (BORGES, 2007, p. 53), respectivamente; século XIX, sendo o primeiro de Ilhabela, São Paulo.....	61
Figuras 20 e 21: <i>Preguiceiro</i> (BORGES, 2007, p. 41) e <i>Mesa D. José I</i> (BORGES, 2007, p. 45), respectivamente; século XVIII, Brasil, sendo o primeiro da Bahia.....	62
Figuras 22 e 23: <i>Mesa D. Maria I</i> (BORGES, 2007, p. 47) e <i>Cama rústica</i> (BORGES, 2007, p. 42), respectivamente; final do século XVIII, sendo o primeiro móvel da Bahia e o segundo de Ilhabela, São Paulo.....	63
Figuras 24 e 25: <i>Poltrona</i> (BORGES, 2007, p. 59) e <i>Cama Império</i> (BORGES, 2007, p. 63), respectivamente; século XIX, sendo o segundo móvel da cidade do Rio de Janeiro.....	63
Figura 26: <i>Cadeira de bordar</i> , século XIX. (BORGES, 2007, p. 60).....	64
Figura 27: <i>Canapé Sheraton brasileiro</i> , século XIX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 57).....	64
Figuras 28 e 29: <i>Aparador</i> (BORGES, 2007, p. 54) e <i>Canapé Beranger</i> (BORGES, 2007, p. 55), respectivamente.....	65
Figura 30: <i>Cadeira Thonet</i> , c. 1860. (BORGES, 2007, p. 61)..	65
Figura 31: <i>Armário Art Nouveau</i> , século XX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 91).....	66
Figura 32: <i>Cama Patente</i> , c. 1915, Araraquara, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 92).....	67
Figura 33: <i>Cadeira Cimo</i> , c. 1920, Rio Negrinho, Santa Catarina. (BORGES, 2007, p. 79).....	67
Figura 34: <i>Poltrona John Graz</i> , c. 1940, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 82).....	68
Figura 35: <i>Poltrona de embalo</i> , de Joaquim Tenreiro, c. 1947, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 83).....	69
Figura 36: <i>Poltrona Mole</i> , de Sérgio Rodrigues, 1957, Curitiba, Paraná. (BORGES, 2007, p. 84).....	70
Figura 37: <i>Bar Z – 10-8</i> , de José Zanine Caldas, 1950, São José dos Campos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 94).....	70

Figura 38: <i>Cadeira Paulistano</i> , de Paulo Mendes da Rocha, 1957, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 85).....	71
Figuras 39 e 40: <i>Cadeira Peg Lev</i> , de Michel Arnoult, 1968, da cidade de São Paulo (BORGES, 2007, p. 86); e Catálogo Móvelia Contemporânea, de móveis vendidos desmontados (LEAL, 2002, p. 102); respectivamente.....	72
Figura 41: <i>Cadeira São Paulo</i> , de Carlos Motta, 1982, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 86).....	73
Figura 42: <i>Banco Ressaquinha</i> , de Maurício Azeredo, 1988, Pirenópolis, Goiás. (BORGES, 2007, p. 89).....	73
Figura 43: <i>Cadeira Gaivota</i> , de Reno Bonzon, 1988, Ubatuba, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 88).....	74
Figura 44: <i>Carrinho de chá Nômade</i> , de Claudia Moreira Salles, 1993, Valinhos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 95).....	74
Figura 45: <i>Cadeira Jecker</i> , de Etel Carmona. (FIORI, 2002).....	75
Figura 46: <i>Cadeira Girafa</i> , de Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki, 1987. (BORGES, 2007, p. 87).....	75
Figura 47: Visconde de Mauá, de origem sul-rio-grandense. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129).....	77
Figura 48: barragem da Usina Hidrelétrica de Estreito, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157).....	78
Figura 49: linha de montagem dos automóveis <i>Corcel</i> na fábrica Ford, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157).....	78
Figura 50: rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157).....	79
Figuras 51 e 52: móveis com design retilíneo, geralmente de aglomerado; e móveis de madeira maciça que misturam formas retas e torneadas; respectivamente. (GORINI, 2000, p. 15)....	83
Figura 53: molduras de madeira. (GORINI, 2000, p. 21).....	84
Figura 54: peças em MDF. (GORINI, 2000, p. 18).....	84

Figuras 55 e 56: móvel italiano com combinação de diferentes materiais (GORINI, 2000, p. 28), e cadeiras com design italiano (GORINI, 2000, p. 18), respectivamente.....	85
Figura 57: móveis desmontáveis. (GORINI, 2000, p. 18).....	85
Figura 58: em destaque, os seguintes países: Alemanha, Itália, França e Reino Unido. (GORINI, 2000, p. 24).....	86
Figuras 59 e 60: móvel de Taiwan desenvolvido em metal, e cadeiras e mesas para escritório, respectivamente. (GORINI, 2000, p. 33).....	88
Figura 61: móvel em materiais diversos importado pelo Japão. (GORINI, 2000, p. 33).....	89
Figura 62: concentração da produção em diferentes regiões do planeta. (IEMI, 2006a, p. 13).....	91
Figura 63: estrutura da cadeia produtiva da indústria moveleira no Brasil. (IEMI, 2006a, p. 32).....	95
Figura 64: concentração das empresas por região e Estado do país. (IEMI, 2006a, p. 42).....	99
Figura 65: móveis seriados distribuídos por redes atacadistas nacionais. (GORINI, 2000, p. 41).....	106
Figura 66: cozinha de aço da Móveis Itatiaia (MG). (GORINI, 2000, p. 43).....	107
Figura 67: cadeira da Giroflex. (GORINI, 2000, p. 43).....	107
Figura 68: máquina importada com tecnologia de ponta. (GORINI, 2000, p. 41).....	113
Figura 69: empresa com modernização do parque industrial. (GORINI, 2000, p. 49).....	113
Figura 70: reduções primitivas, nomeadas conforme a legenda a seguir. (LAZZAROTTO <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 241).....	117
Figura 71: regiões de imigração no Rio Grande do Sul. (FLORES, 2004, p. 9).....	119
Figura 72: técnica de construção de casa ensinada pelo agente Hörmeyer. (FLORES, 2004, p. 20).....	120

Figura 73: casa em enxaimel em dois blocos distintos, embora já existisse o fogão Berta; interior de Venâncio Aires, 1917. (FLORES, 2004, p. 124).....	120
Figura 74: <i>Casa Haas</i> em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1876. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33).....	120
Figura 75: <i>Casa Grün</i> em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34).....	121
Figura 76: Teatro São Pedro em Porto Alegre. (FLORES, 2004, p. 126).....	121
Figura 77: Catedral de Santa Cruz do Sul, 1927-1939. (FLORES, 2004, p. 46).....	122
Figura 78: Matriz de Venâncio Aires. Iniciada em 1929, recebeu as torres em 1950. (FLORES, 2004, p. 108).....	122
Figura 79: “Núcleo de Cultura de Venâncio Aires [...], 1929”. (FLORES, 2004, p. 128).....	123
Figura 80: zona colonial italiana, em destaque. (SÁ <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 243).....	125
Figura 81: casa de madeira, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33).....	126
Figura 82: <i>Casa da Ovelha</i> , em madeira e construída pelos imigrantes italianos, 1917. (MOVELSUL, 2007).....	126
Figura 83: casa de pedra, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34).....	127
Figura 84: casa construída pelos imigrantes italianos. (MOVELSUL, 2007).....	127
Figura 85: portas de madeira esculpida (1ª e 2ª) e talhada (3ª), final do século XIX. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	127
Figura 86: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	128

Figura 87: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	128
Figura 88: cadeira de balanço, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	129
Figura 89: cadeiras, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007).....	129
Figuras 90 e 91: exemplos das instalações de marcenarias e de suas máquinas para a manufatura de móveis. (FONTOURA, 2006a, p. 19 e 21, respectivamente).....	130
Figura 92: a Itália e suas regiões. (BONI e COSTA, 1984, p. 242).....	131
Figura 93: a industrialização na Europa, a qual ampliou a substituição de mão-de-obra, gerou o desemprego e estimulou a imigração para o Brasil. (FLORES, 2004, p. 16).....	131
Figura 94: “colonos em mutirão conduzem à serraria pesado [sic] toro [sic] de madeira-de-lei. Interior de Venâncio Aires”. (FLORES, 2004, p. 102).....	133
Figura 95: ferramentas dos imigrantes italianos. (FONTOURA, 2006a, p. 16).....	137
Figuras 96, 97 e 98: móveis produzidos pelas imigrações alemã e italiana no sul do Brasil. (MCB, 2007).....	137
Figura 99: detalhe de um móvel. (FONTOURA, 2006a, p. 23).....	137
Figura 100: distribuição regional dos pólos produtores de móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 23).....	147
Figuras 101 e 102: <i>Fogão Nordeste</i> Wallig, 1959 (LEAL, 2002, p. 136); e sistema dos queimadores (CORRÊA, 2005, p. 6); respectivamente.....	160
Figura 103: fábrica de acordeões, 1939. (TODESCHINI, [2006?]).....	160
Figura 104: cozinhas moduladas, década de 1970. (TODESCHINI, [2006?]).....	160
Figura 105: <i>Coleção Natural Life</i> , 2006. (TODESCHINI, [2006?]).....	160

Figura 106: cozinha modulada da Todeschini, 1968. (coleção de Nelson Petzold).....	161
Figuras 107 e 108: <i>Colheitadeiras de grãos</i> , da Massey Ferguson, 1974. (coleção de Nelson Petzold; CORRÊA, 2005, p. 8; respectivamente).....	161
Figura 109: modelo <i>Winner</i> , da Forjas Taurus. (MARRA e SOUZA, 1997).....	161
Figuras 110 e 111: <i>Talher Camping</i> , 1974 (CSPD, [200-]); e <i>Talheres Comer Brincando</i> (EXPRESSÃO, 2005); ambos da Zivi-Hercules, respectivamente.....	162
Figura 112: <i>Tesoura Ponto Vermelho</i> , da Mundial, 1982. (ADP, [2006 ou 2007]).....	163
Figuras 113 e 114: <i>Tesoura Softy</i> (BORNANCINI, 2004, p. 66); e modelos de <i>Tesouras Softy</i> , 1993 (ALMANAQUE, 2004); da Mundial, respectivamente.....	163
Figura 115: <i>Tesoura de cozinha Multiuse</i> , da Mundial. (LEAL, 2002, p. 136).....	163
Figura 116: <i>Conjunto de Facas Laser</i> Mundial, de 1983. (LEAL, 2002, p. 137).....	164
Figuras 117 e 118: <i>Supertermo Automático</i> , 1980 (UNB, [200-]); e <i>Supertermo</i> , 1975 (CORRÊA, 2005, p. 7); da Termolar, respectivamente.....	164
Figuras 119 e 120: conjuntos de merendeiras e de garrafas (LEAL, 2002, p. 136); e bules térmicos (LEAL, 2002, p. 138); da Termolar, respectivamente.....	165
Figuras 121, 122 e 123: <i>Garrafa Térmica Magic Pump</i> , 1999 (IAB-RS, 2000); <i>Garrafa Térmica R-Evolution</i> , 1999 (RATHSAM, 2002, p. 26); e <i>Garrafa Perfeita</i> (BORNANCINI, 2004, p. 61); da Termolar, respectivamente.....	165
Figuras 124 e 125: <i>Borrachas Mercur Art Collection</i> , 2002 (ARCO WEB, [200-]); e <i>Ying-Yang</i> (LEAL, 2002, p. 136); respectivamente.....	166
Figuras 126 e 127: objeto construído com as <i>Borrachas Pedagógicas Mercur Toy</i> , 2003 (MERCUR, 2003); e detalhe das borrachas (CORRÊA, 2005, p. 9); respectivamente.....	166

Figura 128: <i>Escorredor de louça</i> da Coza, 2005. (REVISTA SIM, [200-]).....	167
Figura 129: José Bornancini. (APDESIGN, 2006).....	167
Figura 130: Nelson Petzold. (IAB-RS, 2000).....	168
Figura 131: Paulo Müller. (MÜLLER, 2004, p. 168).....	169
Figura 132: Tina e Lui. (coleção do escritório).....	171
Figura 133: <i>Cadeira e Mesa Senta-Bags</i> , 1990. (FONTOURA, 2006a, p. 58).....	172
Figura 134: <i>Cômoda 2 em 1</i> , 1994. (FONTOURA, 2006a, p. 80).....	173
Figura 135: <i>Sofá Berço</i> , 1996. (FONTOURA, 2006a, p. 106).....	173
Figura 136: <i>Linha Minuano</i> , 1997. (coleção do escritório).....	174
Figura 137: <i>Sofá Soma</i> , 1997. (coleção do escritório).....	174
Figura 138: <i>Pufe</i> , 1997. (coleção do escritório).....	175
Figura 139: <i>Linha Imigrante</i> , 2000. (coleção do escritório)....	175
Figura 140: <i>Linha Imigrante</i> , 2000. (coleção do escritório)....	176
Figura 141: <i>Linha Imigrante</i> , 2000. (coleção do escritório)....	176
Figura 142: <i>Berço Ovinho</i> , 2002. (coleção do escritório).....	176
Figuras 143 e 144: móveis da <i>Linha Ana Rech</i> , 2001. (coleção do escritório).....	177
Figuras 145 e 146: móveis da <i>Linha Telaio</i> , 2003. (coleção do escritório).....	177
Figura 147: <i>Mesa da Linha Terra Nativa</i> , 2003. (coleção do escritório).....	178
Figura 148: <i>Linha Botequim</i> , 2004. (FONTOURA, 2006a, p. 167).....	178
Figura 149: <i>Mesa da Terra</i> , 2005. (FONTOURA, 2007).....	179
Figura 150: dois modelos da <i>Mesa Visconde</i> , 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 175).....	179
Figura 151: <i>Mesa Gamela</i> , 2006. (coleção do escritório).....	180
Figura 152: <i>Poltrona Manta</i> , 2006. (coleção do escritório)....	180

Figura 153: <i>Poltrona Mantô</i> , 2006. (coleção do escritório)....	181
Figura 154: Daniel Camera e Fernando Sperotto. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008b).....	183
Figura 155: <i>Cozinha de Aço com Portas de “ABS”</i> , 1998. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	184
Figuras 156 e 157: <i>Cadeira Telasul</i> , 1999. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	185
Figura 158: <i>Cabine de Bronzeamento</i> , 2000. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	185
Figura 159: <i>Cama da Linha Ange Gardie</i> , 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	186
Figura 160: <i>Cama Mitzrael</i> , 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	186
Figura 161: <i>Mutábile</i> , 2001. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	187
Figura 162: <i>Luminária de Coluna</i> , 2002. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008c).....	187
Figura 163: <i>Poltrona Ômega</i> , 2002. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	188
Figura 164: <i>Móvel Multiuso</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	188
Figura 165: pé para <i>Linha Office</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	189
Figura 166: <i>Mesa de Jantar 3012 e Cadeiras 3041</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	189
Figura 167: <i>Cozinha de Aço Applauso</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	190
Figura 168: <i>Home Theater</i> , 2003. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	190
Figura 169: <i>Linha Office</i> , 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	191
Figura 170: <i>Cabine de Banho</i> , 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	191



Figura 171: <i>Rack com Metacrilato</i> , 2004. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	192
Figura 172: <i>Cozinha Telasul Projetos</i> , 2005. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	192
Figura 173: <i>Linha Strong</i> , 2006. (PROJETO 3 DESIGN & ARQUITETURA, 2008a).....	193
Figura 174: <i>Linha Steel</i> , 2006. (FONTOURA, 2006a, p. 194).....	193
Figura 175: Parque de Eventos, em Bento Gonçalves. (MOVELSUL, 2007).....	198
Figura 176: instalações da Única, as quais comportam a Dell Anno e a Favorita. (DELL ANNO, 2008).....	202
Figura 177: <i>Cozinha Ferrara</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	203
Figura 178: <i>Dormitório Quebec</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	203
Figura 179: <i>Dormitório Voglio e Alumínio</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	203
Figura 180: <i>Home theater Mandorla e Voglio</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	204
Figura 181: <i>Home office Branco e Preto</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	204
Figura 182: <i>Banheiro Rosa</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	204
Figura 183: <i>Área de serviço Vivere e Metálic</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	205
Figura 184: <i>Salão de beleza</i> , da Dell Anno. (DELL ANNO, [2006?]).....	205
Figura 185: instalações da Todeschini. (TODESCHINI, 2008).....	209
Figura 186: <i>Sala de estar Gris</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 9).....	209
Figura 187: <i>Sala de jantar Chocolate e Today</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 17).....	210

Figura 188: <i>Cozinha Lisa e Gelo</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 36).....	210
Figura 189: <i>Escritório Lisa</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 47).....	210
Figura 190: <i>Dormitório Acácia e Jade</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 57).....	211
Figura 191: <i>Dormitório Passione e Verena</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 63).....	211
Figura 192: <i>Banheiro Cristal</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 76).....	211
Figura 193: <i>Estofado Ventura</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 21).....	212
Figura 194: <i>Cafeteria Málaga e Caramelo</i> , da Todeschini. (TODESCHINI, 2006, p. 81).....	212
Figura 195: instalações da Carraro. (CRIARE, 2008).....	214
Figura 196: cozinha da Criare: <i>Color Line Camurça</i> e tamponamento <i>Tabaco</i> . (CRIARE, 2006a).....	214
Figura 197: dormitório da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas de correr <i>Stylo System Tabaco</i> . (CRIARE, 2008).....	215
Figura 198: dormitório infantil da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas e frentes <i>Color Line Plus Romantic</i> e <i>Style</i> . (CRIARE, 2008).....	215
Figura 199: <i>closet</i> da Criare: tamponamentos <i>Maple</i> , portas de correr modelo <i>Tecno Plus</i> , vidro <i>Miniboreal</i> e frente <i>Tecna Maple</i> . (CRIARE, 2008).....	215
Figura 200: <i>home theater</i> da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas <i>Imbuia</i> . (CRIARE, 2006a).....	216
Figura 201: <i>home office</i> da Criare: caixa branca tamponada e porta <i>Imbuia</i> . (CRIARE, 2006b).....	216
Figura 202: banheiro da Criare: tamponamentos em madeira <i>Teca</i> , caixas e tamponamentos <i>Nocce</i> e portas e frentes em <i>Color Line Plus Cinza Alumínio</i> . (CRIARE, 2008).....	216

Figura 203: área de serviço da Criare: caixas e tamponamentos brancos e portas e frentes <i>Color Line Plus Cinza Alumínio</i> . (CRIARE, 2008).....	217
Figura 204: instalações da SCA. (SCA, 2008).....	218
Figura 205: cozinha da SCA. (SCA, 2008).....	218
Figura 206: dormitório da SCA. (SCA, 2008).....	219
Figura 207: dormitório infantil da SCA. (SCA, 2008).....	219
Figura 208: <i>closet</i> da SCA. (SCA, 2008).....	219
Figura 209: banheiro da SCA. (SCA, 2008).....	220
Figura 210: <i>home office</i> da SCA. (SCA, 2008).....	220
Figura 211: <i>home theater</i> da SCA: em MDF branco e <i>Ébony Legno</i> . (SCA, 2008).....	220
Figura 212: área de serviço da SCA. (SCA, 2008).....	221
Figura 213: móveis para escritório (ambiente corporativo) da SCA. (SCA, 2008).....	221
Figura 214: instalações da Bentec. (BENTEC, 2008).....	223
Figura 215: <i>Cozinha Essenza</i> (MDP 18 mm) ou <i>Mássima</i> (MDF 18 mm), da Bentec: frentes em Fórmica branca, prateleiras <i>Amêndoa</i> , portas deslizantes com perfil de alumínio <i>Champagne</i> e vidros <i>Reflecta</i> . (BENTEC, 2008).....	223
Figura 216: <i>Área de serviço Mássima</i> (MDF), da Bentec: caixas e frentes brancas. (BENTEC, [2006?]b).....	224
Figura 217: banheiro (100% MDF) da Bentec: frentes com pintura microtexturizada preta (ou branca) e portas deslizantes de alumínio com vidro preto temperado. (BENTEC, [2006?]b).....	224
Figura 218: <i>Dormitório Comodità casal</i> (MDF), da Bentec: portas <i>Rovere Chiaro</i> e portas deslizantes com perfil de alumínio com vidros pretos. (BENTEC, 2008).....	224
Figura 219: <i>Dormitório Comodità solteiro</i> (MDF ou MDP) da Bentec: com pintura microtexturizada em branco e amarelo (ou azul). (BENTEC, 2008).....	225
Figura 220: <i>home theater</i> (MDF) da Bentec: frentes <i>Rovero Chiaro</i> e prateleiras <i>Wenguê</i> . (BENTEC, [2006?]c).....	225

Figura 221: <i>home office Noce</i> (MDP), da Bentec: caixas e frentes <i>Noce</i> . (BENTEC, [2006?]a).....	225
Figura 222: consultório médico da Bentec: caixas <i>Wenguê</i> e frentes brancas. (BENTEC, 2008).....	226
Figura 223: instalações da Cinex. (CINEX, 2006g).....	227
Figuras 224 e 225: portas Cinex (Rimadesio) como complementos para estantes. (CINEX, [2006?]a, p. 5 e 10, respectivamente).....	228
Figuras 226 e 227: portas Cinex em armários de escritório, nos Estados Unidos (CINEX, 2006c); e sistema <i>Treviso</i> com vidro <i>Acidato</i> , da Cinex, em <i>home theater</i> (CINEX, [2006?]a); respectivamente.....	228
Figuras 228 e 229: estantes <i>Veneza</i> e sistema deslizante <i>Treviso</i> (CINEX, 2006c); e portas <i>1964 CL</i> com puxador <i>Sottile</i> e vidro <i>Cristallo Ébano</i> (CINEX, 2006g); da Cinex, aplicações em móveis de cozinha, respectivamente.....	229
Figura 230: estantes <i>Veneza</i> e sistema deslizante <i>Treviso</i> da Cinex, aplicação em móvel de dormitório. (CINEX, 2006c)...	229
Figuras 231 e 232: porta <i>1939 T</i> e vidro <i>Cristallo Bambu</i> , uma das novas cores da linha <i>Cristallo</i> , Coleção 2006 (CINEX, 2006b, p. 27); e porta de giro <i>Lugano</i> , vidro <i>Cristallo Ébano</i> e <i>TS Madeirado</i> (CINEX, 2006f); da Cinex, respectivamente...	229
Figura 233: porta divisória <i>Aluwood Dupla Face</i> com vidro <i>Cristallo Panna</i> , aplicados no sistema <i>Aluplus</i> , da Cinex (Raumplus). (CINEX, 2006b, p. 15).....	230
Figuras 234 e 235: perfis e padrões amadeirados <i>Aluwood</i> , da Cinex (Raumplus), respectivamente. (CINEX, 2006b, p. 30).....	230
Figuras 236 e 237: porta divisória <i>Nero Opaco Quadrato</i> com vidro <i>Fog</i> , aplicados no sistema <i>Aluplus</i> , da Cinex (Raumplus), mesa <i>Byo</i> com tampo de vidro <i>Incolor</i> e cadeiras <i>Gripp</i> , da Cinex (CHForm) (CINEX, 2006b, p. 25); e perfis <i>Nero Opaco</i> , da Cinex (CINEX, 2006b, p. 30); respectivamente.....	230
Figuras 238 e 239: aplicação de prateleiras em <i>closet</i> e divisória de ambientes da Cinex (Rimadesio) (CINEX, [2006?]a,	

p. 32); e portas <i>Vela</i> da Cinex (Rimadesio) (CINEX, [2006?]a, p. 29); respectivamente.....	231
Figura 240: mesa <i>Byo</i> , com junções e pés pintados em branco brilhante, além de tampo de vidro <i>Incolor</i> , cadeiras <i>Nina</i> e estantes <i>Byo Shelf</i> , da Cinex (CHForm). (CINEX, 2006g).....	231
Figuras 241 e 242: bancada de <i>Corian</i> em cozinha e tampo de <i>Corian</i> em banheiro, da Cinex (DuPont), respectivamente. (CINEX, 2006e).....	231
Figura 243: <i>Cozinha Perugia Gofratto</i> , em melamina <i>Branca</i> e painéis em madeira <i>Teca</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	233
Figura 244: <i>Dormitório Gofratto Rosa</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	234
Figura 245: <i>Dormitório infantil Bari Gofratto Azul</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	234
Figura 246: <i>Home theater Perugia</i> , em melamina <i>Branca</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2006?]).....	234
Figura 247: <i>Home office Perugia Gofratto Preto e Branco</i> , da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	235
Figura 248: banheiro da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	235
Figura 249: área de serviço da Difrattelli. (DIFRATELLI, [2008?]).....	235
Figura 250: instalações da Resevila. (RESEVILA, [2006?])..	237
Figura 251: cozinha da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	237
Figura 252: área de serviço da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	238
Figura 253: <i>home theater</i> da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	238
Figura 254: <i>home office</i> da Resevila. (RESEVILA, [2008?])..	238
Figura 255: dormitório da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	239
Figura 256: dormitório infantil da Resevila. (RESEVILA, [2006?]).....	239
Figura 257: banheiro da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	239

Figura 258: <i>Estofado Athenas</i> , da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	240
Figura 259: cadeira da Resevila. (RESEVILA, [2008?]).....	240
Figura 260: cozinha da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	242
Figura 261: dormitório da Romanza. (ROMANZZA, 2008)...	242
Figura 262: dormitório infantil da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	242
Figura 263: <i>home theater</i> da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	243
Figura 264: <i>home office</i> da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	243
Figura 265: banheiro da Romanza. (ROMANZZA, 2008)....	243
Figura 266: área de serviço da Romanza. (ROMANZZA, 2008).....	244
Figura 267: <i>Conjunto de sofás Confort</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	244
Figura 268: <i>Poltrona Cadeira do Papai</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	244
Figura 269: <i>Cadeira Unitá</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	245
Figura 270: <i>Cadeira Singolare</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	245
Figura 271: pufes <i>Redondo</i> , da Advance. (ROMANZZA, 2008).....	245
Figuras 272 e 273: móveis para cozinha da Bentec (BENTEC, 2008) e da Criare (Carraro) (CRIARE, 2006a), respectivamente.....	252
Figuras 274 e 275: móveis para cozinha da Difratelli (DIFRATELLI, [2008?]) e da Resevila (RESEVILA, [2006?]), respectivamente.....	252
Figuras 276 e 277: móveis para cozinha da Romanza (ROMANZZA, 2008) e da SCA (SCA, 2008), respectivamente.....	253

Figuras 278 e 279: móveis para cozinha da Todeschini (TODESCHINI, 2006, p. 36) e da Dell Anno (Única) (DELL ANNO, [2006?]), respectivamente.....	253
Figuras 280 e 281: cartaz do I Salão Design MOVELSUL 88 (FONTOURA, 2006a, p. 32); e 1º Prêmio – Móveis para área íntima, para a <i>Cama Dax</i> , com design da Dacan Indústria de Metal, de Bento Gonçalves-RS (FONTOURA, 2006a, p. 49); respectivamente.....	283
Figuras 282 e 283: cartaz do II Salão Design MOVELSUL 90 (FONTOURA, 2006a, p. 33); e Menção Honrosa para a <i>Cadeira Ergo</i> , do designer Geraldo Echamende, para a Wacchi S.A. Indústria e Comércio, de Sapucaia do Sul-RS (FONTOURA, 2006a, p. 59); respectivamente.....	283
Figuras 284, 285 e 286: cartaz do III Salão Design MOVELSUL 92 (FONTOURA, 2006a, p. 34); 1º Prêmio – Móvel para área de serviço e lazer, para a <i>Cadeira para Copa e Cozinha Sit Down</i> , do designer Dirceu Guarda, Degrau Arquitetura, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 68); e Prêmio Destaque, para a <i>Poltrona Doble</i> , do designer Marcel Schacher, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 71); respectivamente.....	284
Figuras 287 e 288: cartaz do IV Salão Design MOVELSUL 94 (FONTOURA, 2006a, p. 35); e 1º Prêmio – Móvel para escritório e institucional, categoria Estudante, para o <i>Gaveteiro Duna</i> , dos designers Adriano Albino Klein, Jonas Antônio Molin e Michel de Andrade Mittman, de Florianópolis-SC (FONTOURA, 2006a, p. 82); respectivamente.....	284
Figuras 289 e 290: cartaz do V Salão Design MOVELSUL 96 (FONTOURA, 2006a, p. 36); e Menção Honrosa, para a <i>Mesa Versátil</i> , do escritório Borges & Garcia Arquitetura, com a colaboração de Gaspodini, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 104); respectivamente.....	284
Figuras 291 e 292: cartaz do VI Salão Design MOVELSUL 98 (FONTOURA, 2006a, p. 37); e Prêmio Nacional e Especial – Categoria Profissional, para a <i>Estante Flip-Top</i> , das designers Cristina Pippi Schmidt, Denise, Schmidt e Vera Farina, para a Indústria de Móveis Campesato, de Erechim-RS (FONTOURA, 2006a, p. 111); respectivamente.....	285

Figuras 293 e 294: cartaz do VII Salão Design MOVELSUL Brasil 2000 (FONTOURA, 2006a, p. 38); e Menção Honrosa – Categoria Profissional Nacional, para o *Revisteiro Móvel* da designer Vera Stefani, de Bento Gonçalves-RS, para a Artetubos Indústria de Móveis Ltda., de Garibaldi-RS (FONTOURA, 2006a, p. 129); respectivamente.....285

Figuras 295 e 296: cartaz do VIII Salão Design MOVELSUL Brasil 2002 (FONTOURA, 2006a, p. 39); e 1º Prêmio Nacional – Profissional, para a *Banqueta Onda*, da designer Ilse Lang, Faro Design, de Porto Alegre-RS (FONTOURA, 2006a, p. 141); respectivamente.....285

Figuras 297 e 298: cartaz do IX Salão Design MOVELSUL Brasil 2004 (FONTOURA, 2006a, p. 40); e 1º Prêmio Nacional Profissional, para a *Espreguiçadeira de Jardim Anelídeos*, da designer Eulália de Souza Anselmo, de Pelotas-RS (FONTOURA, 2006a, p. 157); respectivamente.....286

Figuras 299 e 300: cartaz do X Salão Design MOVELSUL Brasil 2006 (FONTOURA, 2006a, p. 41); e Menção Honrosa, para o *Banco Unus*, da designer Caroline Tassinari Bonfada, protótipo de Dionísio Strzykalsky, Eduardo de Matos e, participação de Luis Mariano Benetti (desenhista), Ricardo Cipriani Maletzke (administrador da qualidade), para a Móveis Nova Santa Rita, de Santa Rita-RS (FONTOURA, 2006a, p. 175); respectivamente.....286

Figura 301: 1º Prêmio Profissional Nacional do XI Salão Design MOVELSUL Brasil 2008, para a *Espreguiçadeira e Tatame Ayty*, do designer Roque Frizzo, Roque Frizzo Arquitetura e Design, Caxias do Sul-RS. (ESTRADA, 2008).....286

Figura 302: selo do Prêmio Indústria para ser colado no *stand* das empresas participantes do mesmo. (FONTOURA, 2006a, p. 185).....287

Figura 303: Menção Honrosa do 1º Prêmio Indústria do VII Salão Design MOVELSUL Brasil 2000, para o *Sofá Via Durini*, da Saccaro Móveis, de Caxias do Sul-RS, desenvolvido pelos designers Ana Revello Vasquez, Antonio Zamboni, Gilberto Ortiz e Renato Solio. (FONTOURA, 2006a, p. 189).....287



- Figura 304: Menção Honrosa do 2º Prêmio Indústria do VIII Salão Design MOVELSUL Brasil 2002, para a *Linha Facile*, da Móbel Indústria de Móveis, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvida pelos designers do escritório 3 Design & Arquitetura. (FONTOURA, 2006a, p. 191).....287
- Figura 305: 1º Prêmio do 3º Prêmio Indústria do IX Salão Design MOVELSUL Brasil 2004, para as *Poltronas Meta 1 e Meta 2*, da A.L. Componenti Industrial Comercial, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvidas pelo designer Marcelo Rosenbaum. (FONTOURA, 2006a, p. 192).....288
- Figura 306: Menção Indústria, pelo caráter democrático, do 4º Prêmio Indústria do X Salão Design MOVELSUL Brasil 2006, para o *Armário Multiplik*, da Idéias & Conceitos Indústria de Móveis, de Bento Gonçalves-RS, desenvolvido pela designer Adriana Loer Pelicoli. (FONTOURA, 2006a, p. 194).....288
- Figura 307: 1º Prêmio do 5º Prêmio Indústria do XI Salão Design MOVELSUL Brasil 2008, para a *Linha de Móveis Entrelinhas*, da ML Magalhães, do Rio de Janeiro-RJ, desenvolvida pelos designers Diogo Lage Souza e Eduardo Cronemberger de Faria, Habto Design, da mesma cidade. (ESTRADA, 2008).....289

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Ranking dos Principais Exportadores Mundiais de Móveis. (IEMI, 2006a, p. 17).....	91
Gráfico 2: Produção Total do Setor / 1996. (GORINI, 2000, p. 37).....	96
Gráfico 3: Proporção das Exportações Brasileiras de Móveis em 1997. (GORINI, 2000, p. 63).....	101
Gráfico 4: Comércio Externo de Móveis. (IEMI, 2006a, p. 67).....	104
Gráfico 5: Pólos Produtores com Maior Ocorrência de Empresas Exportadoras. (IEMI, 2006a, p. 73).....	110
Gráfico 6: Evolução das Importações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997. (GORINI, 2000, p. 58).....	113
Gráfico 7: Evolução das Exportações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997. (GORINI, 2000, p. 58).....	114

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Empresas Participantes da Pesquisa e algumas Particularidades. (pesquisa de campo).....	40
Tabela 2: Principais Países Produtores e Consumidores de Móveis / 1996. (GORINI, 2000, p. 20; grifo nosso).....	86
Tabela 3: Evolução das Exportações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/95. (GORINI, 2000, p. 30; grifo nosso).....	87
Tabela 4: Evolução das Importações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/96. (GORINI, 2000, p. 31; grifo nosso).....	88
Tabela 5: Produção e Consumo Mundial de Móveis em 2005. (IEMI, 2006a, p. 14; grifo nosso).....	89
Tabela 6: Importação e Exportação Mundial de Mobiliário em 2005. (IEMI, 2006a, p. 16; grifo nosso).....	90
Tabela 7: Parque de Máquinas Instalado / 2005. (IEMI, 2006a, p. 48).....	93
Tabela 8: Canais de Distribuição por Tipo de Móvel. (IEMI, 2006a, p. 56; grifo nosso).....	95
Tabela 9: Empresas segundo sua Localização e Produtos Fabricados. (IEMI, 2006a, p. 38).....	97
Tabela 10: Empresas segundo sua Política de Produção. (IEMI, 2006a, p. 38).....	99
Tabela 11: Importação de Móveis em Volumes. (IEMI, 2006a, p. 62; grifo nosso).....	100
Tabela 12: Importação de Móveis em Valores. (IEMI, 2006a, p. 63; grifo nosso).....	100

Tabela 13: Principais Países de Origem das Importações Brasileiras. (IEMI, 2006a, p. 68; grifo nosso).....	100
Tabela 14: Evolução do Destino das Exportações Brasileiras de Móveis / 1997/90. (GORINI, 2000, p. 61; grifo nosso).....	101
Tabela 15: Exportação de Móveis em Valores. (IEMI, 2006a, p. 64; grifo nosso).....	102
Tabela 16: Exportação de Móveis em Volumes. (IEMI, 2006a, p. 64; grifo nosso).....	102
Tabela 17: Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras. (IEMI, 2006a, p. 68; grifo nosso).....	103
Tabela 18: Distribuição das Empresas, do Pessoal Ocupado e do Valor Bruto da Produção Industrial por Tipo de Móvel. (GORINI, 2000, p. 39).....	105
Tabela 19: Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência. (GORINI, 2000, p. 39).....	105
Tabela 20: Os Grandes Números do Setor Moveleiro no Brasil. (IEMI, 2006a, p. 34).....	108
Tabela 21: Principais Pólos Moveleiros do Brasil. (GORINI, 2000, p. 46).....	109
Tabela 22: Colônias Primitivas e Municípios Atuais. (FROSI-MIORANZA <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 69).....	130
Tabela 23: Proveniência dos Italianos chegados no Rio Grande do Sul. (FROSI-MIORANZA <i>apud</i> BONI e COSTA, 1984, p. 79).....	132
Tabela 24: Números da Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 11).....	139
Tabela 25: Empresas segundo o Tipo de Produto Fabricado. (IEMI, 2006b, p. 12).....	140
Tabela 26: Empresas segundo a Natureza dos Móveis Produzidos. (IEMI, 2006b, p. 13).....	140
Tabela 27: Empresas segundo o Tipo de Móvel Produzido. (IEMI, 2006b, p. 13).....	141
Tabela 28: Empresas segundo sua Política de Produção. (IEMI, 2006b, p. 14).....	141

Tabela 29: Distribuição das Empresas segundo seu Faturamento Mensal. (IEMI, 2006b, p. 17).....	142
Tabela 30: Regime de Trabalho. (IEMI, 2006b, p. 18).....	143
Tabela 31: Número de Funcionários. (IEMI, 2006b, p. 18-19).....	143
Tabela 32: Consumo de Matérias-Primas em 2005. (IEMI, 2006b, p. 20).....	144
Tabela 33: Origem das Matérias-Primas Consumidas. (IEMI, 2006b, p. 20).....	145
Tabela 34: Principais Pólos Produtores de Móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 22-23).....	146
Tabela 35: Exportação de Móveis em Valores. (IEMI, 2006b, p. 25).....	147
Tabela 36: Destino das Exportações de Móveis. (IEMI, 2006b, p. 27).....	148
Tabela 37: Cursos Oferecidos pela UFRGS. (INEP, 2008; UFRGS, 2008).....	149
Tabela 38: Cursos Oferecidos pela UFSM. (INEP, 2008; UFSM, 2008).....	150
Tabela 39: Cursos Oferecidos pela UFPEL. (INEP, 2008; UFPEL, 2008).....	150
Tabela 40: Cursos Oferecidos pela ULBRA. (INEP, 2008; ULBRA, 2008).....	150
Tabela 41: Cursos Oferecidos pela UNIRITTER. (INEP, 2008; UNIRITTER, 2008).....	151
Tabela 42: Cursos Oferecidos pela UNISINOS. (INEP, 2008; UNISINOS, 2008).....	151
Tabela 43: Cursos Oferecidos pela ESPM. (ESPM, 2008; INEP, 2008).....	152
Tabela 44: Cursos Oferecidos pela UNIFRA. (INEP, 2008; UNIFRA, 2008).....	152
Tabela 45: Cursos Oferecidos pela UCPEL. (INEP, 2008; UCPEL, 2008).....	152

Tabela 46: Cursos Oferecidos pela UPF. (INEP, 2008; UPF, 2008).....	152
Tabela 47: Cursos Oferecidos pela UNIJUI. (INEP, 2008; UNIJUI, 2008).....	153
Tabela 48: Cursos Oferecidos pela UCS. (INEP, 2008; UCS, 2008).....	153
Tabela 49: Cursos Oferecidos pela FEEVALE. (FEEVALE, 2008; INEP, 2008).....	154
Tabela 50: Cursos Oferecidos pela UNIVATES. (INEP, 2008; UNIVATES, 2008).....	154
Tabela 51: Curso Oferecido pela UNILASALLE. (INEP, 2008; UNILASALLE, 2008).....	154
Tabela 52: Cursos Oferecidos pelo IPA. (INEP, 2008; IPA, 2008).....	154
Tabela 53: Curso Oferecido pela FAE. (FAE, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 54: Cursos Oferecidos pela FSG. (FSG, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 55: Curso Oferecido pela FAI. (FAI, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 56: Curso Oferecido pela MONTSERRAT. (INEP, 2008; MONTSERRAT, 2008).....	155
Tabela 57: Cursos Oferecidos pela FURG. (FURG, 2008; INEP, 2008).....	155
Tabela 58: Cursos Oferecidos pela UNIPAMPA. (INEP, 2008; UNIPAMPA, 2008).....	155
Tabela 59: Curso Oferecido pela UERGS. (INEP, 2008; UERGS, 2008).....	155
Tabela 60: Cursos Oferecidos pela PUCRS. (INEP, 2008; PUCRS, 2008).....	156
Tabela 61: Cursos Oferecidos pela URCAMP. (INEP, 2008; URCAMP, 2008).....	156
Tabela 62: Cursos Oferecidos pela UNICRUZ. (INEP, 2008; UNICRUZ, 2008).....	156

Tabela 63: Cursos Oferecidos pela UNISC. (INEP, 2008; UNISC, 2008).....	157
Tabela 64: cursos Oferecidos pela URI. (INEP, 2008; URI, 2008).....	157
Tabela 65: Dados do Setor Moveleiro. (MOVELSUL, 2007).....	200
Tabela 66: Características Gerais das Empresas, na Fase Inicial. (pesquisa de campo).....	247
Tabela 67: Características Gerais das Empresas, na Fase Atual. (pesquisa de campo).....	248
Tabela 68: Características do Desenvolvimento de Design nas Empresas. (pesquisa de campo).....	249
Tabela 69: Relação de 157 Empresas do Setor de Móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 34-41).....	290

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

ABIMÓVEL: Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário

APDESIGN: Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul

CGI-SIC: Centro Gestor de Inovação – Moveleiro – Sistema de Informações Competitivas

CNC: Controlador Numérico Computadorizado

CETEMO: Centro Tecnológico do Mobiliário

CETMAM: Centro Tecnológico da Madeira e do Mobiliário

DAU-MEC: Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação

ESDI: Escola Superior de Desenho Industrial

ESPM: Escola Superior de Propaganda e Marketing

FAE: Faculdade Anglicana de Erechim

FAI: Faculdade dos Imigrantes

FEEVALE: Centro Universitário Feevale

FENAVEN: Feira Internacional de Móveis

FENAVINHO: Feira Nacional do Vinho

FERVI: Fundação Educacional da Região dos Vinhedos

FETEP: Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa

FIMMA Brasil: Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira

FSG: Faculdade da Serra Gaúcha

FURG: Fundação Universidade Federal de Rio Grande



IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IPA: Centro Universitário Metodista

MARGS: Museu de Arte do Rio Grande do Sul

MDF: *Medium Density Fiberboard* / Painel de Fibras de Média Densidade

MDP: *Medium Density Particleboard* / Painel de Partículas de Média Densidade

MERCOSUL: Mercado Comum do Sul

MONTSERRAT: Faculdade Montserrat

MOVELSUL Brasil: Feira de Móveis

MOVERGS: Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul

MOVESP: Associação das Indústrias de Mobiliário do Estado de São Paulo

MUMO: Museu Nacional do Móvel

PVC: *Polyvinyl Chloride* / Poli (Cloro de Vinila)

PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

P&D: Projeto & Desenvolvimento

RAIS: Relação Anual de Informações Sociais

SAC: Serviço de Atendimento ao Consumidor

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SINDMÓVEIS: Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário

UCPEL: Universidade Católica de Pelotas

UCS: Universidade de Caxias do Sul

UERGS: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPEL: Universidade Federal de Pelotas

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM: Universidade Federal de Santa Maria

ULBRA: Universidade Luterana do Brasil

UNICRUZ: Universidade de Cruz Alta

UNIFRA: Centro Universitário Franciscano

UNIJUI: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

UNILASALLE: Centro Universitário La Salle

UNIPAMPA: Fundação Universidade Federal do Pampa

UNIRITTER: Centro Universitário Ritter dos Reis

UNISC: Universidade de Santa Cruz do Sul

UNISINOS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UNIVATES: Centro Universitário Univates

UPF: Fundação Universidade de Passo Fundo

URCAMP: Universidade da Região da Campanha

URGS: Universidade do Rio Grande do Sul

URI: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>37</b>
<b>1 Métodos e Técnicas.....</b>	<b>39</b>
<b>2 Brasil: Cultura e Industrialização.....</b>	<b>42</b>
2.1 Grupos Sociais: Pluralidade de Identidades.....	42
2.1.1 Identidades Coletivas Sociais.....	44
2.2 Desenvolvimento da Cultura Brasileira.....	45
2.3 Códigos Culturais do Mobiliário no Brasil.....	57
2.4 A Industrialização no Brasil.....	75
2.5 Relação do Desenvolvimento Brasileiro com a Produção de Móveis.....	80
<b>3 O Design e a Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul.....</b>	<b>82</b>
3.1 A Indústria de Móveis no Brasil.....	82
3.1.1 Características Gerais do Setor Moveleiro.....	82
3.1.2 Panorama Internacional.....	83
3.1.3 Panorama do Mercado Brasileiro.....	92
3.1.3.1 Produção, consumo e emprego no Brasil.....	96
3.1.3.2 Principais pólos moveleiros no Brasil.....	108
3.1.3.3 Fatores de competitividade: matérias-primas, tecnologia, mão-de-obra e design.....	111
3.2 O Desenvolvimento do Estado e a Imigração.....	116
3.3 As Colonizações Alemã e Italiana.....	118
3.3.1 Os Alemães no Rio Grande do Sul.....	118
3.3.2 Os Italianos no Rio Grande do Sul.....	124

3.4 A Industrialização no Rio Grande do Sul.....	135
3.5 O Design, a Industrialização e o Comércio.....	136
3.6 A Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul.....	139
3.7 A Institucionalização do Design no Rio Grande do Sul.....	149
3.8 Os Profissionais de Design Sul-Rio-Grandenses e seus Escritórios.....	158
3.8.1 Bornancini, Petzold & Müller.....	158
3.8.1.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório.....	159
3.8.1.2 José Carlos Mário Bornancini.....	167
3.8.1.3 Nelson Ivan Petzold.....	168
3.8.1.4 Paulo de Tarso da Silveira Müller.....	168
3.8.1.5 Desenvolvimento de projetos no escritório.....	169
3.8.2 Tina e Lui Arquitetura e Design.....	170
3.8.2.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório.....	171
3.8.2.2 Desenvolvimento de projetos no escritório.....	181
3.8.3 Projeto 3 Design & Arquitetura.....	182
3.8.3.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório.....	184
3.8.3.2 Desenvolvimento de projetos no escritório.....	193
<b>4 Pólos Moveleiros da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves e Flores da Cunha.....</b>	<b>196</b>
<b>5 Pesquisa de Campo.....</b>	<b>201</b>
5.1 Única.....	201
5.2 Todeschini.....	206
5.3 Carraro.....	213
5.4 SCA.....	217
5.5 Bentec.....	220
5.6 Cinex.....	226
5.7 Difratelli.....	233
5.8 Resevila.....	236
5.9 Romanzza.....	241
5.10 Resumo da Pesquisa de Campo.....	246

<b>6 Resultados e Discussão.....</b>	<b>250</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>255</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>257</b>
<b>Apêndice A: Roteiro de Entrevista aplicado às Indústrias.....</b>	<b>267</b>
<b>Apêndice B: Roteiro de Entrevista aplicado aos Escritórios.....</b>	<b>270</b>
<b>Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Entrevistados dos Escritórios.....</b>	<b>273</b>
<b>Apêndice D: Roteiro de Entrevista aplicado às Associações.....</b>	<b>277</b>
<b>Apêndice E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destinado aos Entrevistados das Indústrias.....</b>	<b>279</b>
<b>Apêndice F: Relação de todas as edições do Salão Design da Movelsul, com os respectivos cartazes e exemplos de móveis premiados, além do selo e de alguns móveis contemplados com o Prêmio Indústria.....</b>	<b>283</b>
<b>Anexo A: Relação de 157 Empresas do Setor de Móveis no Rio Grande do Sul.....</b>	<b>290</b>
<b>Anexo B: Prêmios, Seleção para Exposições, Homenagens e Outros.....</b>	<b>294</b>

## Introdução

Conforme a linha de pesquisa sobre “Design, Teoria e Crítica”, proposta pelo Mestrado em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o presente trabalho buscou contextualizar a produção moveleira da serra gaúcha, desde a fase de expansão da fabricação de móveis industrializados, a qual ocorreu a partir de meados do século XX, especialmente no que diz respeito ao design nessa área. A delimitação do tema caracterizou-se pelo estudo sobre as indústrias de móveis que se encontram nos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul, descrevendo o desenvolvimento de móveis industrializados nas últimas quatro décadas.

Considerou-se relevante a abordagem deste assunto porque o setor moveleiro na indústria sul-rio-grandense, especificamente em se tratando dos pólos mencionados, é reputado como um dos mais importantes do cenário brasileiro. Por isso, houve um estímulo de se evidenciar como se dá a elaboração de projetos da área. Buscou-se também dar continuidade aos trabalhos de iniciação científica desenvolvidos durante a graduação, sobre Design Brasileiro – Partes I e II –, realizados juntamente com os professores Carlos Eduardo Barichello e Edir Lúcia Bisognin, a fim de focar e aprofundar o assunto em termos regionais.

Pouco se sabe sobre o desenvolvimento de projetos de produtos nas indústrias moveleiras dos pólos de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. Por isso, objetivou-se levantar e analisar dados sobre o desenvolvimento de design na produção contemporânea desses pólos. Os objetivos específicos eram os de reconhecer características relevantes da história e da cultura locais; identificar as fases de transformações cruciais ocorridas nas indústrias dos pólos moveleiros citados, em relação ao desenvolvimento de produtos; analisar as conseqüências desse desenvolvimento no decorrer das últimas quatro décadas; e disponibilizar conhecimentos específicos aos profissionais de design e às indústrias, no Brasil, com o intuito de proporcionar subsídios sobre o desenvolvimento de projetos moveleiros que contribuam para a melhoria da qualidade profissional.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes primárias e secundárias. O problema em questão pediu uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a

análise do desenvolvimento de design que se estabeleceu nas indústrias moveleiras dos pólos estudados. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo, onde a coleta de dados deu-se pela aplicação de entrevista, sendo esta de característica estruturada, com roteiro previamente estabelecido.

O primeiro capítulo descreveu os métodos e as técnicas utilizadas para o desenvolvimento das pesquisas bibliográfica e de campo. Os capítulos seguintes compuseram a fundamentação teórica, à medida que o capítulo 2, com o título “Brasil: Cultura e Industrialização”, abordou assuntos referentes ao desenvolvimento brasileiro de cunho social, cultural e industrial. O capítulo 3, “O Design e a Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul”, tratou sobre a indústria moveleira, vista em diferentes esferas, relacionadas aos panoramas internacional, nacional e, em particular, sul-rio-grandense; narrou o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, a imigração e a industrialização, esta ligada também à produção de móveis nesse Estado; além de se referir à institucionalização do design no Rio Grande do Sul e aos profissionais de design gaúchos e seus escritórios. Tal fundamentação encerrou-se no capítulo 4, com o foco nos pólos moveleiros da serra gaúcha, representados pelas cidades de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. No capítulo 5, o assunto sobre a pesquisa de campo foi desenvolvido, revelando todo o seu processo, com a descrição das empresas participantes, em termos gerais e em características específicas, estas relacionadas ao desenvolvimento de design. Na última parte, capítulo 6, os resultados da pesquisa foram apontados para, então, chegar-se às conclusões deste trabalho.

Dessa forma, os achados foram tratados com vistas a cumprir os objetivos mencionados inicialmente.

## 1 Métodos e Técnicas

Conforme consultas em Cruz e Ribeiro (2004), Gil (1999) e Lakatos e Marconi (1996), num primeiro momento, analisou-se o tema a partir de um levantamento preliminar de dados. Posteriormente, realizou-se pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes primárias, como livros, revistas e *sites* da internet, e fontes secundárias, representadas por dissertações de mestrado, para a elaboração da fundamentação teórica. Essa pesquisa partiu da relação entre a cultura e a industrialização brasileiras, desde a chegada dos portugueses ao Brasil; passando pela abordagem da indústria moveleira, vista em diferentes esferas, relacionadas aos panoramas internacional, nacional e, em particular, sul-rio-grandense; além de se referir à institucionalização do design no Rio Grande do Sul, bem como aos profissionais de design gaúchos e seus escritórios; para, então, enfatizar os pólos moveleiros da serra gaúcha, representados por Bento Gonçalves e Flores da Cunha.

O estudo foi realizado de forma qualitativa, analisando-se o desenvolvimento de design que se estabeleceu nas indústrias moveleiras dos pólos citados. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, e a coleta de dados deu-se pela aplicação de entrevista, com modelo no Apêndice A, a doze funcionários de nove empresas. Tal modelo de entrevista foi adaptado, como mostra o Apêndice B, para também ser aplicado a profissionais de design de três escritórios, localizados em Porto Alegre (dois: Bornancini, Petzold & Müller e Tina e Lui Arquitetura e Design) e Bento Gonçalves (um: Projeto 3 Design & Arquitetura), os quais prestam serviços a indústrias de móveis. No entanto, manteve-se o mesmo objetivo da entrevista anterior de se saber como ocorre o desenvolvimento de design, só que nos escritórios em relação a tais empresas. O resultado desse segundo levantamento foi incorporado à fundamentação teórica, no sentido de complementar a investigação. Os entrevistados dos escritórios assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se encontra no Apêndice C. Outro roteiro de entrevista, exposto no Apêndice D, foi aplicado em associações de classe, como a MOVERGS e o SINDMÓVEIS, com o intuito de coletar dados sobre os pólos em questão. Na primeira, conseguiu-se material bibliográfico de grande valor para o trabalho; e na segunda, a entrevista foi respondida por *e-mail*. Cabe destacar que a elaboração do roteiro de entrevista tomou como base um questionário disponibilizado em Coutinho (2001, p. 96).



O instrumento de coleta de dados caracterizou-se pela entrevista estruturada e, segundo Lakatos e Marconi (1996), “o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”.

Para se chegar aos nomes das empresas que contribuíram com a pesquisa, utilizou-se a lista de expositores da MOVELSUL Brasil 2008, presente no *site* da feira, bem como o CD “Pólos Moveleiros: Bento Gonçalves-RS”, disponibilizado pelo *site* do Portal Moveleiro, que também contém uma listagem de indústrias moveleiras presentes no Rio Grande do Sul. Após essa fase, foram selecionadas algumas empresas que estão localizadas na cidade de Bento Gonçalves e em outros municípios da região, como Flores da Cunha. Em seguida, os *sites* de tais empresas foram analisados com o intuito de se observar aquelas que produzem móveis retilíneos residenciais, entre outros tipos, principalmente fabricados em madeira, o que definiu um total de doze indústrias para serem abordadas pela pesquisa de campo. Foram realizados contatos, tanto por telefone e por *e-mail*, quanto pessoalmente, com as seguintes indústrias: Única, Todeschini, Carraro, SCA, Bentec, Cinex, Bertolini, Cenci e Manfroi, de Bento Gonçalves; Resevila, Di Fratelli, Romanzza e Florense, de Flores da Cunha.

As empresas Bertolini, Cenci, Manfroi e Florense não demonstraram interesse em responder à pesquisa. Cabe destacar que a empresa Cinex fabrica produtos um pouco diferenciados das demais participantes, pois se referem a divisórias de ambientes, portas para móveis, entre outras peças, principalmente confeccionadas em alumínio e vidro.

Como mostra a tabela 1, em agosto de 2007, um piloto foi realizado com três indústrias de Bento Gonçalves a fim de se validar o roteiro de perguntas. Após a alteração ou a inclusão de questões no roteiro, esse foi novamente aplicado às mesmas empresas, em janeiro de 2008, mas principalmente focando nos itens modificados ou acrescentados. A empresa Carraro não demonstrou interesse em complementar as respostas dadas anteriormente. As seis outras empresas responderam ao roteiro atualizado. A obtenção das respostas ocorreu de maneiras diferentes: por entrevista pessoal à autora, degravada ou não, por *e-mail* ou por entrega das respostas em mãos, conforme data estabelecida. Aos entrevistados, foram solicitadas suas assinaturas que comprovariam o aceite de participação na pesquisa, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no Apêndice E. Dependendo do meio pelo qual se obteve as respostas, não foi possível colher a assinatura de todos os entrevistados, bem como alguns não quiseram assinar tal documento, mas aceitaram responder às perguntas.

Tabela 1 – Empresas Participantes da Pesquisa e algumas Particularidades

EMPRESAS PARTICIPANTES	CIDADE	PARTICIPANTES DO PILOTO	RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS	MEIO DE OBTENÇÃO DAS RESPOSTAS	TERMO ASSINADO	DATA
1. Única	Bento Gonçalves	Sim	Entrevistado A	Entrevista pessoal à autora	Sim	03/08/07

			Entrevistado B	<i>E-mail</i>	Não	17/01/08
<b>2. Todeschini</b>	Bento Gonçalves	Sim	Entrevistado C	Entrevista pessoal à autora, degravada	Sim	03/08/07
			Entrevistado D	Entrevista pessoal à autora	Sim	15/01/08
<b>3. Carraro</b>	Bento Gonçalves	Sim	Entrevistado E	<i>E-mail</i>	Não	01/08/07
<b>4. SCA</b>	Bento Gonçalves	Não	Entrevistado F	Em mãos	Sim	18/01/08
<b>5. Bentec</b>	Bento Gonçalves	Não	Entrevistado G	Em mãos	Não	18/01/08
<b>6. Cinex</b>	Bento Gonçalves	Não	Entrevistado H	<i>E-mail</i>	Sim (18/01/08)	28/02/08
			Entrevistado I	<i>E-mail</i>	Não	28/02/08
<b>7. Di Fratelli</b>	Flores da Cunha	Não	Entrevistado J	Entrevista pessoal à autora	Sim	16/01/08
<b>8. Resevila</b>	Flores da Cunha	Não	Entrevistado L	Entrevista pessoal á autora	Sim	16/01/08
<b>9. Romanzza</b>	Flores da Cunha	Não	Entrevistado M	<i>E-mail</i>	Não	21/02/08

Fonte: pesquisa de campo

## 2 Brasil: Cultura e Industrialização

No Brasil, em sua origem colonial, período situado no século XVI, alguns indivíduos da Europa, especificamente de Portugal, chegaram, em número reduzido, para explorar a área produtiva que o continente oferecia com o uso de mão-de-obra escrava, principalmente africana. Também provinham do exterior muitos recursos materiais. Assim, a colônia servia para enriquecer os que exploravam a atividade extrativa e a sua produção era destinada aos mercados externos. Em convivência com o português e o negro, havia ainda o índio nativo, o que resultou numa heterogeneidade, em que cada qual tinha um tipo de referência social.

### 2.1 Grupos Sociais: Pluralidade de Identidades

Conforme Ortiz (1986, p. 8), “a identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro”. Portanto, a cultura brasileira decorre do sincretismo de diferentes manifestações identificadas como características brasileiras, mesmo sendo traduzidas como nacionais, têm peculiaridades regionais. Em diferentes momentos históricos, o Brasil é caracterizado pela pluralidade de identidades, formadas por diferentes grupos sociais, como se pode evidenciar a disparidade de aspectos regionais nas figuras 1, 2 e 3 (desenhos de Percy Lau), representados por costumes e tradições, como “gaúcho atirando o laço”; “vaqueiro do Nordeste com sua roupa de couro”; e “tipo de preta baiana, em trajes característicos e com seu tabuleiro”, respectivamente. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 60-61)



Figuras 1, 2 e 3: gaúcho, vaqueiro do nordeste e baiana, respectivamente. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 60-61)

As diferenças mais características, ligadas à diversidade de composição étnica, à variedade de meios físicos e a condições específicas de formação social, são as que se constataam entre as populações do norte e do sul, e bastante acentuadas para se perceberem através de uma grande unidade de espírito e sentimentos. [...] O homem do norte é, com efeito, mais vibrátil, mais lírico e dramático; o do sul, mais comedido, mais positivo e realista; naquele, a preponderância de sensibilidade sobre a razão, o gosto da eloquência, dos gestos e atitudes ardentes; neste, um maior domínio dos nervos, uma sobriedade até a reserva, equilíbrio e moderação. O norte, escreve Jorge Amado, dando o seu depoimento sobre as duas populações, “parece muito mais lírico e misterioso; o sul, mais vertiginoso e progressista”. Mas, nessa paisagem humana em que avultam dois tipos tão nitidamente diferenciados – um, expansivo, inflamável, categórico nas afirmações, e o outro, retraído, prudente e conciliador –, destacam-se ainda novas diferenças, não só nas populações do centro-sul, mas entre estas e as do extremo sul, em que se elaborou um dos tipos mais característicos de nossa formação histórica e social. Embora tão próximos, o paulista, de uma discrição quase hostil, de tão reservada, com sua tendência à ação, empreendedor e tenaz; o mineiro, desconfiado até a dissimulação, prudente até o pessimismo, de um grande poder de plasticidade, de um claro bom-senso e de hábitos morigerados; e o carioca, com seu bom humor até a irreverência, seu senso do ridículo e seu gosto do bem-estar e dos prazeres da vida, se distinguem tão nitidamente que esses traços discriminativos já não passam despercebidos à observação superficial. De todos esses tipos sociais se diferencia, porém, o rio-grandense, o gaúcho propriamente dito, romântico e cavalheiresco, em que um vigoroso individualismo, o entusiasmo apaixonado e o ardor combativo se misturaram a uma sensibilidade afetiva e a uma natural generosidade para modelarem um tipo original, de acento áspero e rebelde, procedendo por contrastes de violência e de conciliações, de arrebatamentos autoritários e de sentimentalidade derramada, e amando tanto a arrogância dos gestos como a nobreza das atitudes. (AZEVEDO, 1996, p. 220-221)

De acordo com Escosteguy (2001, p. 139), tais identidades culturais resultam “de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo”, entre os mais importantes, sendo classe, raça, nação e gênero, consideradas “grandes identidades coletivas sociais”, segundo Stuart Hall, citado por Escosteguy (2001, p. 150). Alguns desses assuntos serão considerados a seguir.

### 2.1.1 Identidades Coletivas Sociais

O Brasil sofreu influências da civilização européia durante o período em que foi colonizado, pois “a ‘superioridade’ [de tal] [...] civilização [...] [decorreu] das leis naturais que [orientaram] [...] a história dos povos”. Por isso que tal país faz parte do Terceiro Mundo, pois sempre conviveu em posição dominada diante do sistema internacional. A partir do momento em que a realidade nacional diferenciou-se da européia, tem-se que ela adquiriu “novos contornos e peculiaridades”. Isto pode ser explicado por duas noções particulares que possibilitam o entendimento da especificidade social, as quais são o meio e a raça. (ORTIZ, 1986, p. 15)

O meio caracterizava-se por um país geograficamente diferente da região da Europa, onde a cultura européia tinha dificuldades para se enraizar, as quais decorriam de fatores como diferenças de calor, umidade, entre outros. A compreensão da natureza e dos acidentes geográficos

esclarecia [...] os próprios fenômenos econômicos e políticos do país. Chegava-se, desta forma, a considerar o meio como o principal fator que teria influenciado a legislação industrial e o sistema de impostos, ou ainda que teria sido elemento determinante na criação de uma economia escravagista. (ORTIZ, 1986, p. 16)

Isso já demonstrava que o Brasil não poderia “ser mais uma ‘cópia’ da metrópole”. (ORTIZ, 1986, p. 16)

Já a problemática racial é mais abrangente, porque, conforme Ortiz (1986, p. 18), citando Sílvia Romero, é “a base fundamental de toda a história, de toda política, de toda estrutura social, de toda a vida estética e moral das nações’. A política de imigração desenvolvida no final do século [XIX] vem ainda reforçar a importância deste assunto”.

Segundo alguns intelectuais do século XIX, o Brasil da época colonial tornou-se um espaço de miscigenação entre o branco, o negro e o índio. O mestiço, então, passou a ser “mais do que uma realidade concreta”, o que exprimiu uma necessidade social, a qual caracterizou-se pela “elaboração de uma identidade nacional”. (ORTIZ, 1986, p. 20-21)

Seguindo o pensamento de Manuel Bonfim, ele considerou que a mistura racial foi “renovadora”, no sentido de que tenderia a reequilibrar os elementos negativos herdados do colonizador. Estes transmitiram qualidades nocivas que definiriam o caráter brasileiro, as quais são representadas pelo conservantismo e pela falta de espírito de observação. A primeira refere-se ao apego do colonizador às tradições, para que o mesmo possa assegurar o poder, e a segunda, à “incapacidade de se analisar e compreender a própria realidade brasileira”, o que levou, por exemplo, à conseqüente imitação do estrangeiro. Mas, segundo Ortiz (1986, p. 26),

não nos façamos porém grande ilusões. Dentro do pensamento positivista da época, Manuel Bonfim toma partido pelo progresso, isto é, pela civilização européia. O caráter “renovador” das culturas negra e índia não possui, como o da cultura portuguesa, as qualidades que possibilitam orientar o progresso no sentido da evolução da sociedade; entretanto tal afirmação se dá sem que se faça apelo às teorias racistas vigentes. Pelo contrário, todo o capítulo relativo ao cruzamento racial procura refutar tais teorias que predominavam junto à elite intelectual brasileira. Recusa-se dessa forma as qualidades de indolência, apatia, imprevidência atribuídas seja ao mestiço, seja aos negros ou índios.

Com a evolução histórica, a sociedade foi sofrendo transformações profundas, como passar “de uma economia escravista para outra de tipo capitalista, de uma organização monárquica para republicana, e que se busca, por exemplo, resolver o problema da mão-de-obra incentivando-se a imigração européia”. Outros fatores são considerados importantes, já nas primeiras décadas do século XX, como o processo de urbanização, o processo acelerado da industrialização, o desenvolvimento de uma classe média e o surgimento de um proletariado urbano. (ORTIZ, 1986, p. 38)

Conforme Ortiz (1986, p. 41), “a passagem do conceito de raça para o de cultura [...] [eliminou] uma série de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da herança atávica do mestiço”, completando-se, então, de acordo com Gilberto Freyre,

os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Só que as condições sociais eram agora diferentes, a sociedade brasileira já não mais se encontrava num período de transição, os rumos do desenvolvimento eram claros e até um novo Estado procurava orientar essas mudanças.

Assim, a ideologia da mestiçagem difundiu-se “socialmente e se tornou senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional”. (ORTIZ, 1986, p. 41)

O que também se assistiu, nesse momento, foi uma transformação cultural profunda, pois se buscou “adequar as mentalidades às novas exigências de um Brasil ‘moderno’”. (ORTIZ, 1986, p. 43)

O mito das três raças fez com que os indivíduos da sociedade interpretassem as relações raciais que eles próprios vivenciavam, mas a construção de uma identidade nacional mestiça dificultou o discernimento entre as fronteiras da cor. Neste sentido, “o mito das três raças é [...] exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais”. (ORTIZ, 1986, p. 44)

## 2.2 Desenvolvimento da Cultura Brasileira

Segundo Sodré (1999, p. 3-4), citando M. Rosental e P. Iudin, define-se cultura como o

conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem.

Durante os séculos XVI e XVII, a dificuldade de transmissão da cultura se deu pelo isolamento rural, pois existiam poucas cidades na época, caracterizadas por uma estrutura acanhada e por um desenvolvimento lento. Era nos latifúndios que a população concentrava-se, vivendo na dependência dos grandes proprietários de terras, e onde o artesanato desenvolvia-se.

As casas são rústicas, inclusive as dos senhores mais destacados, pesados os móveis, pobres as capelas, distinguindo-se apenas as fortificações. A casa típica, que marca a paisagem social, é a sede de engenho ou fazenda que, pelas dimensões enormes que suas múltiplas finalidades impõem, fica logo conhecida como *casa grande*; de “simplicidade rústica, de pedra e cal, com cobertura de palha ou de telha, e a varanda de tipo alentejano ou árabe”, apresentava “o aspecto de uma construção castrense”. A esse aspecto externo, acrescentava-se “a simplicidade rústica e a pobreza dos interiores”. Assim era em Pernambuco, mas também em São Paulo, onde, “as casas de pau-a-pique ou de taipa, de pedra e cal, cobertas a princípio de palha e, mais tarde, de telhas, quando esse tipo de cobertura já se havia difundido pelo litoral, são geralmente térreas”; os móveis são “simples e escassos”. (SODRÉ, 1999, p. 14)

Quanto à tarefa do ensino, esta se desenvolveu em dois planos, desempenhados pelas escolas de ler, escrever e contar, para crianças; e pelos colégios, para adolescentes. Nestes últimos, prevalecia o ensino jesuítico. Dessa forma, o primitivo sistema educacional destinava-se “a formar uma cultura básica, livre e desinteressada, sem preocupações profissionais”; ensino para poucos, difundido somente entre a elite colonial, além do desinteresse de muitos. Os homens de origem européia eram destinados a dirigir e a governar, pois demandavam conhecimentos. Já os negros e os índios eram considerados aptos apenas a desenvolver atividades físicas. Por esses e outros motivos, a cultura ainda não poderia ser considerada como “nacional”, mas começou a tomar forma a partir de uma nova orientação que se refletiu na literatura, nas artes, na técnica, na ciência e no pensamento. (AZEVEDO *apud* SODRÉ, 1999, p. 15)

As Ruínas de São Miguel Arcanjo, na figura 4, são exemplos de uma das várias missões espalhadas pelo território do Rio Grande do Sul, como também da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, as quais foram reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, em 1983. Esse conjunto missionário teve início em 1603. Conforme Campos (2007), nelas, “viveram milhares de índios guaranis catequizados [pelos padres jesuítas], num sistema de cooperação social que combinava o solidarismo e a reciprocidade da cultura guarani às inovações técnicas trazidas da Europa (como a escrita,

a imprensa e a metalurgia)”, além do “amplo projeto de conversão espiritual dos povos indígenas” pelos missionários.

Consta que a construção [da missão de São Miguel] foi iniciada em 1735 e encerrada dez anos depois, sob a condução do arquiteto italiano João Batista Primolli [...]. A igreja, toda em estilo renascentista, possui três naves [que tinham] [...] cinco altares dourados [...] cobertos de imagens de santos, em pedra e madeira, todas talhadas pelos próprios índios. (CHAGAS, 2002)



Figura 4: Ruínas de São Miguel Arcanjo. (CAMPOS, 2007)

Sobre manifestações artísticas que contribuíram de alguma forma para a construção de uma identidade nacional, têm-se a música e a dança, por exemplo. Além da música religiosa, mantida nas cerimônias de igreja e ligada à classe dominante, considerada por Azevedo (1996, p. 436) como a primeira manifestação da música artística brasileira, com Pe. José Maurício, surgiu, na segunda metade do século XVI, a música popular, de caráter indígena associado aos elementos culturais português e africano, com o predomínio das cantigas e dos batuques como constituintes das riquezas musicais brasileiras. (SODRÉ, 1999, p. 20-21)

Na primeira metade do século XVII, houve a construção da primeira cidade conforme traçado de um arquiteto, Pieter Post, a cidade de Mauricéia, mesmo que “à moda da Holanda”, numa ilha interligada por meio de uma ponte a Recife. Esse foi um período de manifestações holandesas no norte. (AZEVEDO, 1996, p. 427)

De acordo com Sodré (1999, p. 23-26), já no início da segunda metade do século XVIII, destacou-se o aparecimento da pequena burguesia, antes da burguesia propriamente dita. Tal camada contribuiu muito para o desenvolvimento intelectual da população, a qual formou o público para as artes, buscando a sua ascensão social diante de uma sociedade constituída por extremos, os senhores latifundiários e os escravos. Surgiu também, como uma nova atividade, a extração do ouro de mina, na região centro-sul, diferenciando-se da agricultura extensiva por não manter o trabalhador preso a um determinado local, como a produção de cana-de-açúcar já existente no nordeste. Quando se esgotava o veio aurífero,



os trabalhadores abandonavam tal lugar e passavam para outro. Como conseqüências da mineração, os indivíduos passaram a se realizar economicamente, o que provocou um crescimento demográfico considerável. Do aumento do poder aquisitivo, resultou o surgimento do mercado interno que, por sua vez, fez despontar a divisão do trabalho, aparecendo atividades de gêneros os mais variados e contribuindo também para o desenvolvimento do aparelho do Estado, ramificado “em milícias, órgãos de justiça, repartições fiscalizadoras e arrecadadoras, forças policiais e militares, hierarquia religiosa”. (SODRÉ, 1999, p. 26)

Em contrapartida, o ensino sofreu transformações que o impediram de se desenvolver devido à reforma pombalina, realizada pelo Marquês de Pombal, em 1759, que se caracterizou pela expulsão dos jesuítas, por conseqüência da crise política.

A reforme pombalina, [...] na segunda metade do século XVIII, teve um traço significativo: representou o ingresso do Estado na solução do problema; [...] a nova estrutura será mista, pertencendo um pouco à área privada, com outras Ordens nela concorrendo, e um pouco à área pública. [...] [As instituições] ocupa[m] as áreas mais desenvolvidas, no litoral, particularmente, e ainda no altiplano do interior mineiro. (SODRÉ, 1999, p. 28-29)

O ensino superior apareceu somente no fim da terceira década do século XIX. Mas, ainda na segunda metade do século XVIII, poucos eram os indivíduos que tinham o domínio do conhecimento especializado, principalmente os filhos-família (dos poderosos senhores) mantidos na Europa para estudos. Tais conhecimentos eram caracterizados por uma cultura humanística diferenciada dos problemas encontrados em seu ambiente de origem.

O que se destacou, entretanto, foi o plano relacionado às artes plásticas, essencialmente em Minas Gerais, onde se gerou uma arte com traços originais, como o barroco brasileiro, a partir do *rush* do ouro em Minas Gerais, de 1698 em diante (durante todo o período do século XVIII). Este movimento traduziu-se na torêutica, na escultura e na arquitetura religiosa, com os trabalhos excepcionais de artistas populares, como “Valentim da Fonseca e Silva – o grande Mestre Valentim – desenhista e entalhador; e Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho – artista plástico de mérito inconfundível”. (SODRÉ, 1999, p. 30)

Na terra das pedras preciosas – o maior centro mundial de produção do ouro na primeira metade do século XVIII, a ourivesaria, embora não tivesse tido o desenvolvimento que se podia esperar da abundância de metais preciosos que serviam de matéria aos artistas, foi uma das artes que mais floresceram apesar de todas as restrições opostas pela Metrôpole, preocupada exclusivamente com a arrecadação do ouro e a cunhagem das moedas. (AZEVEDO, 1996, p. 434)

Ainda conforme Sodré (1999, p. 30-31), tratando sobre o desenvolvimento peculiar de Minas Gerais, também surgiu um grupo de poetas, definida a qualificação do conjunto como “Escola Mineira”. “O documento político desses poetas são as *Cartas Chilenas*; o documento literário é a *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga”. Estes documentos

foram definidos como um “extraordinário avanço da expressão literária”, até aquele o momento.

Dessa forma, chegou ao Brasil, em 1808, afastando-se das guerras napoleônicas, a corte lusa do Príncipe D. João.

Conforme Azevedo (1996, p. 169),

ao processar-se, no tempo de D. João VI, o movimento de que resultou a independência da terra, proclamada em 1822 por D. Pedro I, pode-se dizer que o Brasil já estava unido e constituído. O fator moral da religião, o trabalho de penetração e infiltração do território, o contato e a mistura das populações a que deu lugar, a unidade fundamental de costumes e tradições, a unidade de língua que se estabeleceu e os conflitos com a Metrópole, haviam, de fato, plasmado, no solo conquistado e possuído em comum, todos esses elementos que constituem, ligando meios e tipos sociais diferentes, a solidariedade orgânica e moral de uma nação.

Segundo Sodré (1999, p. 32-33), quanto à classe culta, houve um interesse cada vez maior em se instruir, tanto da camada intermediária quanto, em parte, da classe dos senhores (“pelo menos como motivo de ostentação”), como “exigência utilitária ou como distinção de classe”. Com isso, houve um aumento de ministrantes de aulas. Generalizou-se o uso de instrumentos musicais, tais como o cravo e o piano, sendo este muito aprimorado, principalmente por mulheres da classe superior. Em torno de tais instrumentos, “desenvolviam-se as relações sociais nos interiores domésticos”. Como exemplo, na figura 5, tem-se o piano americano “de mesa [...] produzido pela fábrica norte-americana Galé e montado dentro de móvel construído em jacarandá-da-baía”. (BORGES, 2007, p. 71)



Figura 5: *Piano americano*; século XIX. (BORGES, 2007, p. 71)

O governo joanino também impulsionou a cultura no sentido de desenvolver levantamentos sobre as variedades de plantas e animais, dentro das ciências da natureza. Outras teorias surgiram em relação à etnologia, à geografia, à antropologia cultural, à economia, à climatologia e à engenharia, sendo esta última somente concretizada com a criação da

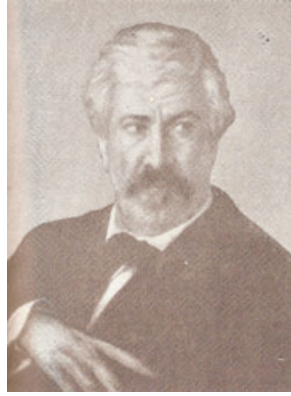
Escola de Engenharia de São Paulo, em 1893, quando houve uma maior exigência da sociedade por esse campo.

Com a abolição do regime da escravidão [em 1888] e o advento da República, em 1889, as novas instituições determinaram a expansão liberal do ensino geral ou comum, de grau primário, cuja história, tão apagada no Império, começa a desenvolver-se nos Estados, sob o influxo dos ideais democráticos, e se assinala não somente por um notável crescimento quantitativo como também pela introdução, no ensino elementar, de novas formas e novos métodos de educação. Se, por um lado, a maior difusão do ensino primário, confiado aos Estados pela Constituição de 91, foi um progresso sensível da evolução liberal e democrática, por outro lado, o governo federal, republicano, reservando-se o direito de legislar sobre o ensino secundário e superior enquanto abandonava aos Estados a educação popular, estabelecia nessa distribuição de funções uma hierarquia de valores, contrária aos ideais em nome dos quais se constituiu. Ao mesmo tempo, porém, que, partindo da periferia política e, sobretudo, de São Paulo, de Minas e do Distrito Federal, se intensificava esse movimento de reorganização do ensino geral pela base – estágio preparatório de uma democratização da cultura –, o ensino secundário que é também, pela sua natureza, de cultura geral, começava a perder lentamente, através de sucessivas reformas, o caráter de “ensino de classe”, que ainda subsistiu, no entanto, sem o mesmo vigor e sem o mesmo brilho, durante os 40 anos da primeira fase do período republicano. (AZEVEDO, 1996, p. 713-714)

A partir desse momento, ocorreu um “crescimento numérico das unidades escolares”. Mesmo assim, o analfabetismo ainda permaneceu presente entre a população. (AZEVEDO, 1996, p. 714-715)

Outras atividades destacadas nesse período foram as fundações de escolas de artes e de ofícios. Com elas, houve a contratação de mestres estrangeiros, como a missão artística francesa que constituiu o grupo da Academia de Belas Artes que só passou a funcionar em 1826. Mesmo assim, tanto as atividades científicas quanto as artísticas desenvolviam-se lentamente. (SODRÉ, 1999, p. 33-34)

Algumas personalidades gaúchas contribuíram com o desenvolvimento das artes e do ensino no Brasil, como Manuel de Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo (Rio Pardo, Rio Grande do Sul, 29/11/1806 – Lisboa, 29/12/1879). Ele foi “poeta e pintor, professor e primeiro diretor brasileiro da Academia Imperial de Belas-Artes”, na figura 6, retrato de Pedro Américo, foto Carlos. Outra personalidade foi Rivadávia Correia (Rio Grande do Sul, 9/7/1860 – Petrópolis, Rio de Janeiro, 9/2/1920), “que promoveu a Lei Orgânica do ensino (decreto de 5 de abril de 1911), de um radicalismo sectário, refletindo a orientação positiva então dominante no Rio Grande do Sul”, na figura 7. (AZEVEDO, 1996, encartes entre p. 712-713 e entre p. 612-613, respectivamente)



Figuras 6 e 7: Manuel de Araújo Porto Alegre (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 712-713) e Rivadávia Correia (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 612-613), respectivamente.

Houve também a liberação da imprensa no país, em 1808, e com isso foi “lançado o primeiro jornal, impressos os primeiros livros, organizada a primeira biblioteca destinada ao público, criados os primeiros cursos superiores, principalmente aqueles destinados à formação de quadros militares”. Foi nesse meio que a população passou a difundir em impressos sua insatisfação em relação ao sistema colonial de dominação. O desenvolvimento da imprensa também fez florescer a literatura, com o Romantismo. (SODRÉ, 1999, p. 34-35)

Cantar ou descrever belezas naturais ou virtudes do indígena era, ao mesmo tempo, realizar a consagração do que era nosso, sem ferir as normas da classe dominante, sem lhe contestar a dominação. O indianismo, por isso mesmo, é antiluso e ensaia, com Alencar, a reação lingüística, inviável naquele tempo. Se as letras românticas chegam ao público, particularmente pela via do folhetim, adotam e alcançam sucesso ainda pela via do teatro, desde aquele que busca tocar as notas do sentimento, com os dramas, até o que busca tocar as notas do riso, com a comédia de costumes, em que encontra destacado lugar a obra de Martins Pena. (SODRÉ, 1999, p. 45-46)

Surgiu o jornalismo político, os cursos jurídicos e, por conseqüência desses, as Faculdades de Filosofia. Sobre aqueles que se formavam em Direito, não só exerciam a sua profissão, como também se dedicavam “às letras, ao jornalismo, à política, ao magistério, sem falar nas funções públicas”. Assim, no século XIX, padres e letrados ocuparam cargos políticos, acompanhados, à certa distância, pelos militares. Em tal século, ocorreram várias crises econômicas, como o declínio da mineração, e viu-se a ascensão da produção cafeeira. Foi nesse período também que as mulheres e os estudantes alcançaram mais liberdade social, formando o público que acompanhava as atividades culturais. Aos poucos, o clero foi afastando-se das áreas das letras e da política, até que desapareceu e distanciou os religiosos do povo. (SODRÉ, 1999, p. 38)

Ainda na segunda metade do século XIX, fatores como o crescimento da população, o aumento da produção cafeeira, a ampliação das linhas ferroviárias, demonstraram o

“avanço de uma economia que chegava ao limite, dentro da estrutura e do regime vigente”. (SODRÉ, 1999, p. 47-48)

Assim, na passagem do século XIX para o século XX, o Brasil era representado sob dois aspectos, sendo uma das faces voltada para o desenvolvimento do litoral, ainda ligada às influências do exterior; e a outra, relacionada à pureza original do interior, onde estava o Brasil verdadeiro. Depois de várias reformas impostas pela política, como a Religiosa, a Eleitoral, a Militar, a Abolição e a República, padeceu o marasmo sobre todos os campos da cultura.

Após a Primeira Guerra Mundial, esse período de transição cedeu lugar a novas forças que começavam a crescer tanto na área da cultura quanto na da política. Com o fim dessa Guerra, a industrialização pôde se desenvolver na área que antes era dominada pelas importações de produtos e, por conseqüência, os lucros começaram a ficar no Brasil. Na política, com os militares, contestava-se o dominante por intermédio do Tenentismo, enquanto que na cultura, com os artistas, principalmente os escritores, contestava-se o mesmo por meio do Modernismo. Esses movimentos representavam aspectos revolucionários, de busca pela mudança, provindos da burguesia, juntamente com a pequena burguesia e a classe proletária. (SODRÉ, 1999, p. 54-56)

Sobre o Modernismo, este movimento artístico teve seu momento expressivo na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, realizado por “revolucionários nas artes, embora tão conservadores” como os demais tradicionalistas, implantando a multiplicidade de critérios e técnicas divergentes, na busca pelo terreno comum do entendimento. Como exemplos de representantes, têm-se, na pintura, Anita Malfati, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari; e na escultura, Victor Brecheret entre tantos outros. Também nesse período começou uma reação à arquitetura colonial, iniciada principalmente com Lúcio Costa, quando as construções passaram a ter formas mais simplificadas, com linhas retas e verticais, feitas em cimento armado. (AZEVEDO, 1996, p. 456-461)

Como quer que seja, uns e outros não somente desenvolveram um admirável esforço para simplificar as formas (processo de despojamento do supérfluo) e adaptar cada vez mais os elementos estruturais à sua função e os edifícios à sua destinação social (racionalismo), como também, orientando-se para a pesquisa da unidade ótica, conseguiram despertar o gosto dos conjuntos homogêneos, onde a casa e a paisagem, e, no interior, os menores detalhes (decoração, móveis, tapetes, cortinas), constituíssem um conjunto estritamente estabelecido. É, porém, com Oscar Niemeyer, os irmãos Roberto (Marcelo, Milton e Maurício), Rino Levi e Afonso E. Reidy que esse movimento não só se consolidou e se expandiu, como também, pelas obras que suscitou, de sentido profundamente renovador, pôde projetar a arquitetura brasileira no plano internacional. (AZEVEDO, 1996, p. 462)

Tanto nas artes plásticas quanto no campo das letras, neste em menor proporção, evidenciou-se a mistura de influências externas e internas, mas essencialmente a busca pela originalidade da cultura brasileira. (SODRÉ, 1999, p. 56-59)

Com a Revolução de 1930, segundo Sodré (1999, p. 63), houve uma “aceleração no desenvolvimento das relações capitalistas e, conseqüentemente, no crescimento quantitativo e qualitativo da burguesia e do proletariado”, mas com muita desigualdade e lentidão ainda presentes no campo. Quando aconteceram os momentos “de desenvolvimento mais acelerado, [...] ocorreram as grandes entradas de imigrantes”, com suas influências dos países de origem. (SODRÉ, 1999, p. 67)

Mas é possível distinguir, na imigração brasileira, três fluxos, principalmente: o de 1888 a 1897, que assinala a liquidação do escravismo e o advento do cafezal do colono; o de 1906 a 1914, menos intenso e marcando novo lance da ascensão cafeeira na produção e na exportação, ampliando o mercado de trabalho e as trocas internas; e o de 1920 a 1930, encerrado com as conseqüências da crise mundial de 1929. No total, entraram no Brasil 4,5 milhões de pessoas, 34% de italianos, 30% de portugueses, 12% espanhóis. (SODRÉ, 1999, p. 67)

Conforme Azevedo (1996, p. 67-70), além das imigrações italiana, portuguesa e espanhola, citadas anteriormente, ainda houve as correntes imigratórias alemãs, como também a chegada de semitas, árabes, sírios, japoneses, franceses, belgas e poloneses. As figuras 8 e 9 exemplificam traços da colonização germânica no sul do Brasil, região esta formada pelos Estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, com “colonos utilizando-se de uma carreta, tipicamente européia, para sua locomoção”. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129, respectivamente)

A mistura ou caldeamento de raças heterogêneas, não antagônicas, é um fato normal, não só útil, mas indispensável à evolução étnica do povo brasileiro. Não é um problema, mas antes a solução natural, o cruzamento dos vários povos e nacionalidades que entraram na composição étnica do povo e que, sob esse aspecto, só viriam constituir problemas quando se manifestassem inassimiláveis, formando ou tendendo a formar colônias maciças, envolvendo para suas origens como quistos no organismo nacional. [...] Certamente, se não se podem determinar com precisão os elementos de cuja mistura, em cada uma das regiões, resultou o povo brasileiro e discernir com nitidez, nessa população, todas as diferenças étnicas, já se distingue no brasileiro – um mediterrâneo, de sangue misturado, na variedade de seus subtipos – um tipo nacional único a que imprimiram caracteres próprios, vigorosamente marcados, os agrupamentos primitivos, fundados sobre o parentesco material e desenvolvidos pela longa coabitação do mesmo território, pela comunidade de língua e pelas crenças comuns que se seguiram e caracterizaram a nossa civilização. (AZEVEDO, 1996, p. 69-71)



Figuras 8 e 9: traços da colonização germânica no sul do Brasil. (AZEVEDO, 1996, encartes entre p. 60-61 e entre p. 128-129, respectivamente)

E, dessa forma, “fundem-se povos de etnias e culturas diferentes e, na medida em que se reestratificam as populações, os imigrantes, a princípio deslocados, e seus descendentes aclimatam-se, tomam consciência de seus interesses e de sua força e fazem valer seus direitos”. (AZEVEDO, 1996, p. 185)

Paralelamente aos acontecimentos decorrentes do desenvolvimento capitalista, existiam as deformações representadas, por exemplo, pelo analfabetismo. O Estado tinha responsabilidade apenas com o ensino primário, hoje ensino fundamental, enquanto que o ensino médio ficou sob o comando das instituições privadas, as quais deram a tal ensino um caráter comercial, com conseqüente enfraquecimento da qualidade educacional, o que dificultou o acesso dos alunos ao ensino superior.

O surgimento das Universidades foi tardio, as quais foram criadas somente na primeira metade do século XX, prevalecendo ainda o ensino em favor das atividades profissionais mais tradicionais (advogados, médicos, dentistas, farmacêuticos). Mas a sociedade já sentia a necessidade e fazia novas exigências universitárias, isso como conseqüência da ampliação da divisão do trabalho. Logo, a proliferação dessas instituições, até mesmo com o aparecimento de algumas particulares, de custo muito caro, juntamente com ascensão capitalista, cedeu lugar àquelas fundamentadas em pesquisa científica e também àquelas de teor técnico e de aplicação prática, ligadas às indústrias e ao setor público.

Conforme Mota (2007), houve a existência efêmera de algumas universidades, como

a de Manaus, criada em 1909, no auge da prosperidade do ciclo da borracha e extinta, em 1926, com a decadência dessa atividade econômica; a de São Paulo, criada em 1911 e extinta em 1917; a do Paraná, criada em 1912 e extinta em 1915. Por fim, em 1920, quando o Rei Alberto da Bélgica se encontrava num navio a caminho do Brasil, para propiciar a concessão do título de Doutor Honoris Causa ao soberano, um decreto federal criou a Universidade do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, reunindo três escolas: Medicina, Direito e Politécnica.

<sup>1</sup> Esta, por sua vez, foi reorganizada em 1937, quando passou a ser chamada de Universidade do Brasil.

Porém, em que pesem as experiências anteriores, de fato, a primeira universidade brasileira a funcionar como tal foi a Universidade de São Paulo, instituída em 1934 enquanto projeto acadêmico e institucional completo.

Segundo Ortiz (1994, p. 38-42), a partir dos anos de 1940, por intermédio de uma sociedade urbano-industrial que começava a se formar, surgiu a cultura de massa, principalmente pela ascensão do rádio e do cinema e pelo aumento do mercado de publicações, como jornais, revistas e livros. A radionovela foi o principal produto popular em destaque na época.

Já nos anos de 1950, os intelectuais desse período insistiam sobretudo na idéia que a cultura significava um vir a ser, tudo aquilo que estava por ser feito, como também privilegiavam a ação social. Tais intelectuais também queriam demonstrar que o Brasil deveria estimular uma consciência nacional por meio do desenvolvimento.

A partir desse momento, a questão nacional impõe-se por intermédio, como exemplos, da reivindicação do cinema sobre a implantação de uma indústria cinematográfica nacional, a revalorização dos temas brasileiros pelo teatro, as tradições populares regionais sobressaíram-se, entre outras. Embora essas manifestações fossem simbólicas, elas recuperaram uma identidade nacional que se encontrava harmoniosamente fixada no nível do imaginário. Foi também nesse período que surgiram a televisão e a publicidade, e esta técnica desenvolvida precisamente para a promoção da venda dos produtos. Com a evolução, a televisão tornou-se, então, o gênero massivo mais importante, em nível de Brasil, com destaque para as telenovelas. Outras manifestações anunciaram a contemporaneidade, como a fundação do Museu de Arte de São Paulo (1947), do Museu de Arte Moderna de São Paulo (criação: 1948; inauguração: 1949), do Teatro Brasileiro de Comédia (1948), e da Bienal de Artes Plásticas de São Paulo (1951), como também da criação da Vera Cruz (indústria cinematográfica, em 1949). “Mas, sobretudo, esta contemporaneidade corresponde a mudanças importantes na esfera da cultura popular de massa”, tendo como exemplos, o 1º Encontro dos Empresários do Livro (1948); a fixação de normas-padrão para o funcionamento das agências de publicidade (1949); a criação da TV Tupi (1950); a introdução da fotonovela no Brasil (1951); a mudança no decreto sobre propaganda no rádio (1951); a criação da 1ª Escola de Propaganda (Cásper Líbero, 1951); a criação da TV Paulista (1952); a criação da TV Record (1953); o lançamento da revista *Manchete* (1953). Assim, os meios massivos acabaram unificando os padrões de consumo e proporcionaram uma visão nacional. (ORTIZ, 1994, p. 42-68)

Sobre o golpe militar de 1964, marco na história brasileira, diz Ortiz (1986, p. 80-81) que,

na verdade, o golpe possui um duplo significado: por um lado ele se define por sua dimensão essencialmente política, por outro aponta para transformações mais profundas que se realizam no nível da economia. Os economistas mostram que a partir do governo de Juscelino se instaura uma segunda revolução industrial no Brasil na medida em que o capitalismo atinge formas mais avançadas de produção. 64 é visto, tanto pelos economistas quanto pelos cientistas políticos, como momento de reorganização da própria economia



brasileira que cada vez mais se insere no processo de internacionalização do capital. O golpe militar tem evidentemente um sentido político, mas ele encobre também mudanças econômicas substanciais que orientam a sociedade brasileira na direção de um modelo de desenvolvimento capitalista bastante específico. Tal modelo, geralmente descrito através de seus traços genéricos, concentração de renda, crescimento do parque industrial, criação de um mercado interno que se contrapõe a um mercado exportador, desenvolvimento desigual das regiões, concentração da população em grandes centros urbanos, reorganiza a sociedade brasileira como um todo. O processo de 'modernização' adquire assim uma dimensão sem precedente.

Essas transformações atingiram também outras esferas governamentais, como a da cultura. "Pode-se afirmar que, no período em que a economia brasileira cria um mercado de bens materiais, tem-se que, de forma correlata, se desenvolve um mercado de bens simbólicos que diz respeito à área da cultura". Seguindo o pensamento do autor,

a noção de mercado simbólico emerge no momento em que a esfera cultural adquire uma autonomia em relação ao mundo material. Habermas vai localizar este momento no início da sociedade burguesa, quando os homens, individualizados e universalizados, trocam no mercado seus produtos materiais. No entanto, o que caracteriza o mercado cultural pós-64 é o seu volume e a sua dimensão. Nos anos 30 as produções culturais eram restritas e atingiam um número reduzido de pessoas. Hoje elas são cada vez mais diferenciadas e atingem um grande público consumidor; isto confere ao mercado cultural uma dimensão nacional que ele não possuía anteriormente. (ORTIZ, 1986, p. 81-82)

Durante o período de 1964 a 1980, ocorreu uma formidável expansão, em nível de produção, de distribuição e de consumo de bens culturais, inclusive com incentivo cultural, juntamente com o apoio subsidiado pelo Estado. Mesmo que este, segundo Ortiz (1994, p. 113-114), estivesse representado por uma política repressora e ditatorial, reorientou a economia, trazendo "conseqüências imediatas, pois, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens materiais, [...] [fortaleceu] o parque industrial de produção de cultura e o mercado de bens culturais".

Nesse momento, buscou-se a conservação do patrimônio para assegurar a perenidade da cultura brasileira, excepcionalmente com o auxílio do Estado. Mas, infelizmente, no período após 1979, ocorreu uma crise econômica no Brasil que comprometeu o desenvolvimento de uma política de cultura. Uma das saídas foi a implantação das ações comunitárias, principalmente junto às comunidades, visando a sua conscientização quanto à valorização do patrimônio cultural. Outro fato específico, exemplificado por Ortiz (1994, p. 125), foi o declínio de espectadores no cinema a partir da década de 1980, sofrido pela concorrência de outras formas de lazer, tais como "a televisão comercial, a cabo, e o videocassete, além de formas alternativas de lazer, representadas pelo turismo, pelos passeios, pelo automóvel", também quanto ao "preço das entradas, o fechamento dos cinemas de bairro, sua concentração nos centros urbanos em zonas servidas por uma maior estrutura de lazer, como restaurantes e shopping centers", etc.

Nos anos de 1970 e 1980, despontaram-se certos confrontos entre rural/urbano, popular/erudito, Europa-Estados Unidos/América Latina, universal/local, etc. Jesús Martín-Barbero, citado por Escosteguy (2001, p. 155), diz que

ao colocar as fronteiras desses termos em xeque, foi possível confrontar-se com outra *verdade cultural* desses países [da América Latina, como é o caso do Brasil]: a mestiçagem, que não é somente fenômeno racial do qual viemos, mas trama contemporânea de modernidade e descontinuidades culturais, de formações sociais e estruturas de sentimento, de memórias e imaginários que remexem o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo.

Mais especificamente durante a década de 1980, observou-se um deslocamento em direção à importância do mercado e seu poder na estruturação e constituição das identidades, desbancando a influência do Estado, destacada em outros períodos no processo de consumo. A noção de popular passou a ser visada com outra terminologia, centrada na ideia de consumidor-cidadão.

Conforme Escosteguy (2001, p. 142), “a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento”.

Assim, viu-se que os universos simbólicos ordenam a história dos homens, e essas manifestações caracterizam tanto a cultura brasileira quanto os próprios bens materiais produzidos em nível nacional, as quais sempre buscaram a autenticidade como elemento primordial de representação.

### 2.3 Códigos Culturais do Mobiliário no Brasil

Segundo Borges (2007, p. 16), o que se tem como registro sobre as moradias, por volta de 1500, quando os portugueses chegaram à nova terra, está descrito na carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel, o qual relatou que tais habitações “eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam”. Sobre a rede, o seu nome “foi adotado pelos portugueses pela semelhança às redes de pesca, mas os indígenas a chamavam de ‘ini’”.

Os primeiros portugueses que desembarcaram no Brasil acabavam por se utilizar dos equipamentos indígenas, pois não traziam muitos pertences. Além da rede,

outros equipamentos [foram] incorporados ao uso cotidiano, como as esteiras, muitas vezes feitas de folhas de palmeiras, que eram utilizadas como apoio às refeições, para o

descanso ou para o assento durante o trabalho; o jirau, espécie de cama suspensa, composto por estacas fincadas no chão sobre as quais se armava um trançado de palmeira ou couro de animal, onde se podia deitar. Estruturas elevadas do solo que serviam para acondicionar os utensílios da casa também eram denominadas jirau. (BORGES, 2007, p. 16-17)

Já no início do século XVII, os colonizadores trouxeram alguns baús, canastras, cadeiras e arcas. Estas últimas eram uns dos poucos móveis da casa, servindo “para guardar os pertences dos moradores, como roupas, louças e documentos”. (BORGES, 2007, p. 17)

Com o aumento do poder aquisitivo, os senhores de engenho, ligados à cana-de-açúcar, por exemplo, puderam investir nas sedes de suas fazendas, inclusive na aquisição de mobílias, as quais vinham da metrópole ou eram fabricadas por exímios artesãos portugueses. Sobre essa atividade desenvolvida na colônia, aliavam-se

os equipamentos e o modo de fazer indígena, a mão-de-obra escrava africana, as necessidades e os conhecimentos portugueses aos materiais existentes na terra. O resultado foi uma produção bastante híbrida e funcional, que supria as necessidades dos colonos, uma vez que o acesso aos móveis europeus continuava difícil e custoso para a maioria da população. [...] Inicialmente executados em canela, cedro e, depois, em vinhático, jacarandá e outras madeiras de lei, que variavam de acordo com a região em que eram produzidos, os móveis desse período se caracterizavam por serem reprodução de peças lusas, muitas delas com características do estilo **Manuelino**, geralmente “reproduzido em madeira mais grossa, em maiores proporções e mais rústico que seus modelos originais”. (CANTI *apud* BORGES, 2007, p. 17-18)

Surgiram também móveis derivados de modelos italianos e germânicos, como o *Escabelo* (pequeno banco), na figura 10.



Figura 10: *Escabelo*, século XVII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 26)

Cabe destacar o desenvolvimento da arquitetura, dentre outras áreas, em Minas Gerais, com traços originais representativos do barroco brasileiro, decorrente do *rush* do ouro nessa região que ocorreu de 1698 em diante e perdurou durante todo o século XVIII.